



Revista de
Extensão da
Universidade de
Pernambuco - Reupe

Edição Especial 2021

MELHORES ARTIGOS DA



II Secap

Semana Científica do Agreste Pernambucano

(81)31833766
revista.extensao@upe.br

ISSN: 2675-2328

Expediente do Volume 6, Número Especial - 2021

Corpo Institucional da Universidade de Pernambuco

Reitor: Prof. Dr. Pedro Henrique de Barros Falcão

Vice-Reitora: Prof^a. Dra. Maria do Socorro de Mendonça Cavalcanti

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Alberto Rodrigues

Coordenação Geral de Extensão: Prof. Dr. Odair França de Carvalho

Equipe Editorial da Universidade de Pernambuco:

Editora Chefe: Prof^a. Dra. Maria Beatriz Araújo Silva – Campus Santo Amaro

Editora Assistente: Prof^a. Dra. Claudinalle Farias Queiroz de Souza – Campus Santo Amaro

Editor Assistente: Prof. Dr. Hígor Ricardo Monteiro Santos – Campus Garanhuns

Editora de Seção: Prof^a. Ma. Josiete da Silva Mendes – Campus Salgueiro

Editora Assistente de Normatização: Roseane Almeida da Silva – Campus Santo Amaro

Equipe de Extensionistas da Universidade de Pernambuco:

Andrileide de Souza Serpa – Campus Garanhuns

Bianca Leal Bezerra – Campus Santo Amaro

Cícero de Menezes Silva – Campus Salgueiro

Ernaldo Ellyson de Barros Silva – Campus Garanhuns

Fábio Ferreira Barboza – Campus Salgueiro

SUMÁRIO

<i>Editorial: Melhores artigos da II Semana Científica do Agreste Pernambucano</i>	3
<i>Artigo Original: Ação de cuidado quilombola no contexto da pandemia da COVID-19</i>	5
<i>Artigo Original: Contribuições acerca do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade quilombola</i>	14
<i>Artigo Original: Transposição do Velho Chico: compreensões acerca da lógica desenvolvimentista em comunidades rurais.</i>	24
<i>Relato de Experiência: Educação ambiental: uma ferramenta em prol da conservação recifal</i>	36
<i>Relato de Experiência: Outro modo de atuação extensionista na pandemia: Nucas conversa</i>	43

Editorial

Melhores artigos da II Semana Científica do Agreste Pernambucano

Best papers of II Semana Científica do Agreste Pernambucano

Como coordenador geral, agradeço imensamente a todas as pessoas que fizeram parte da II Semana Científica do Agreste Pernambucano (II Secap). Um evento que ocorreu totalmente de forma remota devido aos cuidados necessários durante a pandemia da COVID-19 no ano de 2020. Apesar de estarmos em tempos de crise, procuramos a melhor forma de fazer com que as dimensões de Ensino, Pesquisa e Extensão não parassem no tempo, sendo preciso adotar, portanto, diferentes formas de fazer com que a Ciência e a Educação cheguem à comunidade acadêmica e profissional.

Nesta segunda edição, a temática geral da Secap foi “Educação, Ciência e Sociedade em tempo de mudanças: perspectivas e desafios”. Os trabalhos submetidos pelos autores para o evento contemplaram as seguintes áreas do conhecimento: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Engenharia e Tecnologia.

Ao todo, tivemos 783 trabalhos submetidos no formato de resumo expandido de quatro páginas. Após o processo de avaliação, foram aprovados 652 trabalhos para apresentação e publicação nos anais do evento. Conforme a parceria firmada com a Revista de Extensão da Universidade de Pernambuco (Reupe), foram indicados os 10 melhores trabalhos de cunho extensionista para que a equipe editorial da revista pudesse selecionar 5 trabalhos para publicação de um número especial.

Dessa forma, os 5 melhores artigos da II Secap selecionados foram convidados a expandir seus trabalhos e submeter no formato de artigo original ou de relato de experiência como forma de valorizar ainda mais os resultados gerados em suas ações extensionistas. A seguir, apresento brevemente sobre cada um dos trabalhos publicados nesta edição.

O trabalho “Ação de cuidado quilombola no contexto da pandemia da COVID-19” relata uma ação de saúde desenvolvida pelo programa de extensão “Um Pé de Saúde”, numa comunidade quilombola de Garanhuns/PE durante a pandemia da COVID-19. Dentre seus resultados, foram distribuídas cerca de 800 máscaras de proteção, o que corresponde a 220 famílias com acesso à máscara e orientações de saúde.

O artigo “Educação ambiental: uma ferramenta em prol da conservação recifal” aborda os impactos negativos causados pelo turismo na praia de Porto de Galinhas/PE e promove atividades lúdicas como ferramenta complementar do processo de conscientização da população em relação à conservação recifal. O resultado das ações foi bastante positivo e a população se mostrou receptiva às informações apresentadas, principalmente as crianças.

No artigo “Outro modo de atuação extensionista na pandemia: Nucas conversa”, os autores buscaram mapear os possíveis processos de formação humana mobilizados pela produção de saberes e experiências, resultante de 10 webconferências realizadas, semanalmente, no período de abril a junho de 2020. Foram explorados territórios demarcados pela COVID-19, (des)construindo conhecimentos, relações e afetos imersos à natureza processual da ação.

No relato de experiência “Contribuições acerca do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade quilombola” são apresentadas reflexões na direção do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade, ações de saúde e de valorização da cultura quilombola. Sendo assim, compreendeu-se a importância de uma extensão de práxis emancipatória, que permite um compartilhar de saberes e conhecimentos plurais, de forma a construir um caminho entre a Universidade e a comunidade, diante da possibilidade da interação.

Por fim, o trabalho “Transposição do Velho Chico: compreensões acerca da lógica desenvolvimentista em comunidades rurais” apresenta experiências que tiveram o intuito de viabilizar espaços de cuidado a partir de ações de prevenção e promoção em saúde voltadas para a população impactada pela transposição do rio São Francisco em Sertânia/PE. Os resultados desse programa foram ações traçadas coletivamente em coparticipação com a comunidade, apresentadas por imagens que mostram as atividades feitas.

Podemos afirmar que com a premiação desses trabalhos publicados na Reupe, encerra-se o ciclo da segunda edição da Secap, a qual ultrapassou todas as nossas expectativas. Ao longo do seu planejamento e execução, se tornou um evento bastante desafiador para a organização, mas ao mesmo tempo gratificante em saber que contribuímos com conhecimento de qualidade para muitas pessoas. Seguem abaixo alguns dos números alcançados pelo evento:

- 1250 inscritos confirmados de 25 estados brasileiros;
- Participaram da comissão 333 avaliadores de trabalhos;
- Tivemos 83 palestras e 46 mesas redondas. Ao todo, foram 249 conferencistas;
- Trabalharam conosco 119 pessoas na organização do evento;
- Tivemos mais de 350 horas de conteúdo online!

Diante disso, ressaltamos todo o empenho dos professores e estudantes que estiveram conosco na organização, os avaliadores dos trabalhos submetidos, os palestrantes e participantes das mesas redondas, os autores dos trabalhos submetidos e aos inscritos que acreditaram que poderiam transformar suas vidas com todo o conteúdo disponibilizado na II Secap.

Prof. Dr. Hígor Ricardo Monteiro Santos
Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns
higor.monteiro@upe.br
<https://orcid.org/0000-0003-1106-0925>

Artigo Original

Ação de cuidado quilombola no contexto da pandemia da COVID-19 ***Quilombola care action in the context of COVID-19 pandemic***

Ingrid Jessiane Vieira Lima¹ orcid.org/0000-0002-4118-0971

Marília Vilela Ferro¹ orcid.org/0000-0002-9310-9472

Suely Emilia de Barros Santos² orcid.org/0000-0001-6249-7487

Wanessa da Silva Gomes³ orcid.org/0000-0002-9093-8275

Rosângela Estevão Alves Falcão⁴ orcid.org/0000-0002-7693-4630

¹Estudante do Curso de Bacharelado em Psicologia, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil.

²Doutora em Psicologia Clínica, Professora do Curso de Bacharelado em Psicologia, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil.

³Doutora em Saúde Pública, Professora do Curso de Bacharelado em Medicina na Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil.

⁴Doutora em Biociência Animal, Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil.

E-mail da autora correspondente: ingridjvieira@gmail.com

Submissão: 05/03/2021

Aprovação: 22/07/2021

RESUMO

Este artigo objetiva relatar uma ação de saúde desenvolvida pelo programa de extensão “Um Pé de Saúde” numa comunidade quilombola de Garanhuns/PE, durante a pandemia da COVID-19. Diante da realidade pandêmica, é urgente pensar na saúde quilombola, dadas as vulnerabilidades que essa população enfrenta em seu dia a dia. Portanto, a Ação de Cuidado ao Quilombo no Enfrentamento à COVID-19 se propôs a atender a comunidade quilombola por meio da educação popular em saúde, concebendo esta como uma possível ferramenta de promoção de cuidado no território. A ação aconteceu em parceria com a Associação de Quilombola do Castainho, sendo distribuídas cerca de 800 máscaras de proteção, o que corresponde a 220 famílias com acesso a máscaras e a orientações de saúde.

Descritores: Programa de extensão; Saúde; Comunidade quilombola; COVID-19.

ABSTRACT

This paper aims to report a health action developed in a quilombola community (Garanhuns/PE) by the extension project Um Pé de Saúde during the COVID-19 pandemic. In this reality, it is urgent to think about quilombola health, given the vulnerabilities that this population faces daily. Therefore, the Quilombo Care Action in Combating COVID-19 aimed to serve the quilombola community through popular education in health. This action sees health as a possible tool to promote care in the territory. Thus, the action resulted from a partnership with the Associação Quilombola Castainho and distributed about 800 protective masks, which corresponds to 220 families with access to masks and health guidance.

Keywords: Extension programs; Health; Quilombola Community; COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a ação extensionista do programa “Um Pé de Saúde”, realizada no território quilombola durante a pandemia da COVID-19.

“Um Pé de Saúde” é um programa de extensão universitária e se fundamenta principalmente no direito à saúde, propondo-se a desenvolver ações multi e interprofissionais em território quilombola, no município de Garanhuns/PE. Atualmente, o programa conta com a coparticipação dos cursos de Psicologia, Medicina e Ciências Biológicas, juntamente com a Associação Quilombola do Castainho.

O nome “Um Pé de Saúde” surgiu a partir de andanças na comunidade quilombola do Castainho, quando uma das lideranças locais apontou a Gameleira e o Baobá como símbolos de cuidado e de resistência política de um povo marcado pela luta por direito às suas terras.

Iniciado em 2017, o projeto lança um olhar para os modos de cuidado do povo quilombola, construindo ações de saúde contextualizadas a partir das demandas apresentadas pela comunidade. Ainda, objetiva fomentar a construção de um diálogo entre saberes acadêmicos e populares em relação à cultura e às formas de viver da comunidade quilombola de Garanhuns.

O programa parte de um pensamento contra-hegemônico decolonial, numa interlocução com a leitura cartográfica da Fenomenologia Hermenêutica. A cartografia clínica se mostra à luz da Fenomenologia Hermenêutica, que segundo Andrade Morato e Schmidt o conhecimento se dá em coparticipação, sendo também, a parte da escuta a intervenção e a investigação.^{1,2} A partir

disso, os extensionistas também constroem diários de bordo, nos quais narram suas experiências e comunicam o que lhes foi revelado em campo.

Por decolonialidade, conforme Alves e Delmondez,³ compreendemos uma perspectiva que provoca ruptura e problematiza o eurocentrismo, contestando os lugares de poder e destacando a alteridade. Sendo assim, a decolonialidade se revela enquanto uma articulação de estratégias de produção de conhecimento ao destacar outras narrativas, outros saberes e outros modos de ser, que não a universalidade advinda da lógica colonial.³

No decorrer do programa de extensão, algumas ações foram realizadas, dentre as quais podemos destacar a Ação em Saúde, o Censo Demográfico, a Ação do Dia da Consciência Negra, a Ação de Saúde e Beleza Quilombola, a Exposição da Beleza Quilombola – seguida de roda de conversação –, o Território Vivo, a Ação de Beleza Quilombola na Escola Virgílica Garcia Bessa, a Ação de Cuidado ao Quilombo no Enfrentamento da COVID-19 e o Um Pé de Conversa.

Dentre essas atividades, nos voltaremos, aqui, para a Ação de Cuidado ao Quilombo no Enfrentamento à COVID-19, com o objetivo de refletir acerca da saúde quilombola em tempos de pandemia. Diante da crise sanitária do novo coronavírus – que, segundo o Ministério da Saúde,⁴ causa infecções respiratórias e provoca a doença COVID-19, é imprescindível construir ações preventivas direcionadas à população quilombola. Portanto, a promoção de cuidado em território é considerada a melhor estratégia a ser adotada no combate à COVID-19.

Sabendo disso, o programa extensionista aqui discutido teve a

iniciativa de construir a referida ação em coparticipação com a Universidade de Pernambuco (UPE - *Multicampi* Garanhuns), a Associação Quilombola do Castainho, as costureiras e voluntárias da comunidade e o projeto Saúde Mental na Rede. A ação vislumbrou a possibilidade de cuidado no território de Castainho, visto que os desafios já encontrados na comunidade se agravaram em razão do desalojamento ocasionado pela COVID-19.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Os participantes da Ação de Cuidado ao Quilombo no Enfrentamento à COVID-19 se dedicaram a arrecadar materiais para a confecção de máscaras de proteção para os moradores da comunidade de Castainho. O material foi repassado para a associação do quilombo, que, em colaboração com as costureiras do local e das demais voluntárias, confeccionou mais de 1.000 máscaras de proteção. Assim, ressaltamos o caráter coparticipativo da ação realizada, destacando a importância de atuar com o trabalho coletivo numa promoção de cuidado ao território.

Posteriormente, extensionistas, técnicos e professores do programa, bem como lideranças da comunidade e alguns moradores voluntários, saíram de casa em casa realizando a entrega das máscaras. Nesse momento, foram tiradas dúvidas e realizadas orientações sobre o manuseio das máscaras, o cuidado com as *fakes news*, a higienização de compras, os riscos de contaminação e a importância da prevenção à COVID-19 no geral.

Para essa ação, nos organizamos em grupos de 3 pessoas, a fim de evitar grandes concentrações no quilombo. Os

trios se destinaram a pontos estratégicos da comunidade, o que se fez necessário devido à distância de uma residência a outra. Essa divisão possibilitou que todas as áreas da comunidade fossem alcançadas, contemplando o maior número possível de famílias sem que houvesse o encontro dos trios, de modo a evitar aglomerações. Além desses cuidados, todos os participantes da ação usaram máscaras de proteção, *face shields* (que foram doados pela UPE *Multicampi* Garanhuns para essa ação) e álcool em gel. Também mantinham uma distância mínima de dois metros dos moradores e foram orientados a não entrar nas casas. Essas orientações foram dadas em virtude dos direcionamentos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos decretos estadual e municipal quanto ao distanciamento e ao isolamento social.

Tendo em vista a importância dessa ação preventiva no quilombo, a UPE *Multicampi* Garanhuns produziu cerca de 40L de álcool 70% para ser distribuído à comunidade. A produção foi entregue à Associação de Moradores da comunidade, que se responsabilizou por dividir e por distribuir os itens aos residentes de baixa renda.

Para além das orientações feitas pessoalmente, foram produzidos vídeos orientando os quilombolas sobre o uso e o cuidado que devem ser tomados com as máscaras, bem como sobre a higienização dos sapatos e como estes devem ser utilizados. Essas produções tinham como finalidade manter o cuidado, a atenção e o diálogo com a comunidade e foram compartilhadas em um grupo do *WhatsApp* com lideranças da Associação Quilombola do Castainho, para que elas compartilhassem com todos. O grupo de *WhatsApp* é um canal importante de

comunicação, visto que possibilita o diálogo e a troca de informações de modo não presencial, tendo se mostrado ainda mais fundamental no contexto pandêmico vivenciado atualmente.

Toda essa ação foi feita em parceria com a Associação Quilombola do Castainho. Isso porque, para percorrer o território dessas comunidades, faz-se necessário se pôr em andança, sendo acompanhados por quem conhece e é (re)conhecido naquele território. Junto com os extensionistas, os integrantes da associação se mostraram agentes de cuidado. Assim, semanalmente, saíamos em andanças por Castainho, orientando e escutando sobre o que desalojava aqueles moradores na vivência da pandemia.

3. RESULTADOS

A entrega das máscaras aconteceu entre maio e junho de 2020 e teve a participação de cerca de 20 pessoas, dentre as quais estavam extensionistas, técnicos e moradores. Esta ação contabilizou, em média, 800 máscaras entregues, contemplando, aproximadamente, 220 famílias com máscaras de proteção e orientações de cuidado para o combate à COVID-19.

Ainda, foram entregues à Associação Quilombola do Castainho mais de 200 máscaras, que foram distribuídas aos feirantes residentes do quilombo, por causa da maior demanda na rotina das feiras.

Figura 1: Andanças pela comunidade quilombola do Castainho durante a Ação de Cuidado ao Quilombo no Enfrentamento à COVID-19. Garanhuns, 2020.



Fonte: Autor

Figura 2: Andanças pela comunidade quilombola do Castainho durante a Ação de Cuidado no Quilombo no Enfrentamento a COVID-19. Garanhuns, 2020.



Fonte: Autor

Em nossas visitas durante a pandemia, conseguimos identificar vários problemas enfrentados pelos quilombolas, como a falta de acesso a informações sobre o novo coronavírus, a importância do uso da máscara e de não a compartilhar, a forma de utilização da máscara e de lavá-la corretamente, o cuidado para não aglomerar e a necessidade de ficar em casa. Dessa forma, a entrega das máscaras resultou numa melhor orientação da comunidade no tocante à pandemia, tornando esta

uma ação de atenção e de educação em saúde, o que ressalta sua relevância.

Os dados aqui citados foram repassados para Associação de Moradores através de uma planilha, pois entendemos a importância e necessidade dessa devolutiva, visto que essas informações contribuem para o mapeamento do território e para o rastreamento das famílias que receberam as máscaras e que tiveram acesso às orientações oferecidas.

4. DISCUSSÃO

Na 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS), de 1986, é trazido o Conceito Ampliado de Saúde, que, em seu sentido mais abrangente, considera a saúde não apenas como ausência de doenças, mas também como resultante das condições de alimentação, moradia, trabalho, educação, meio ambiente, transporte, lazer, liberdade e acesso aos serviços de saúde.⁵ Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os determinantes da saúde são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais, os quais influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.⁶ Ao nos voltar para o contexto dos povos tradicionais, torna-se possível compreender a saúde em sua amplitude, reconhecendo as vulnerabilidades enfrentadas cotidianamente pelo quilombo. Assim, como aponta Freitas et al.,⁷ a saúde reflete a conjuntura sociopolítica, logo não é representada da mesma forma para diferentes grupos, o que evidencia a importância do recorte étnico/racial feito aqui, como também os possíveis desafios da comunidade.

De acordo com Freitas et al.,⁷ é inegável que grupos historicamente perseguidos e/ou excluídos enfrentam maiores dificuldades quanto ao acesso à saúde. A garantia legal ao acesso universal e igualitário às ações e aos serviços sanitários não tem assegurado aos negros e aos indígenas o mesmo nível, qualidade de atenção e perfil de saúde usufruídos pelos brancos. Indígenas, negros e brancos ocupam lugares desiguais nas redes sociais e trazem consigo experiências também desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer.⁸ Desse modo, percebemos o pouco acesso das comunidades tradicionais à saúde, a carência de infraestrutura e, por vezes, a ausência de profissionais de saúde, de materiais e de medicamentos. A precarização dos serviços se torna mais expressiva nestes locais, por causa da distância (física e social) do poder público e da marginalização da população pobre e negra.

Considerando as dificuldades apresentadas e as vivências que o Programa de Extensão já tem com Castainho, num primeiro momento o “Um Pé de Saúde” se preocupou em pensar como esse novo vírus – sobre o qual, até aquele momento, a maioria das pessoas pouco sabia a respeito – poderia chegar à comunidade quilombola e impactar diretamente a vida das pessoas que nela habitam.

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, apresentando um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves. Os sintomas da doença podem se alternar entre um resfriado e a presença de um quadro respiratório agudo. Seus sintomas mais comuns são tosse, febre, coriza, dor de garganta,

dificuldade para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, distúrbios gastrintestinais (náuseas, vômitos, diarreia), cansaço, diminuição do apetite e falta de ar.⁴

Em 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Em menos de um mês, 938 suspeitas já estavam sendo monitoradas, o que levou o Ministério da Saúde, em 13 de março de 2020, a regulamentar critérios de isolamento e de quarentena a serem aplicados pelas autoridades sanitárias a pacientes com suspeita ou confirmação de infecção por coronavírus.⁹ O intuito do distanciamento era reduzir a exposição das pessoas ao vírus e, conseqüentemente, aos riscos de contágio e de disseminação da doença, dado que os números de casos tendem a diminuir quando não há interação social.

Diante do novo cenário, foi necessário adotar medidas para agir no enfrentamento ao vírus. Por isso, reconhecemos como de fundamental importância as ações de promoção e de prevenção em saúde nos territórios, dada a potência encontrada neles, que pode criar e/ou fortalecer uma rede de cuidado. Dessa maneira, a ação aqui apresentada enfocou os quilombolas, orientando-os quanto às medidas necessárias no combate ao coronavírus, respeitando suas singularidades, as especificidades do território e o modo de vida do local.

Compreendendo a necessidade do cuidado para com os povos tradicionais, o programa atravessado pela territorialidade em saúde, tem como proposta principal a educação popular em saúde, visando ao compartilhamento de saberes e ao diálogo entre os conhecimentos popular e acadêmico. A partir disso, a ação de extensão teve a intenção de facilitar o diálogo com o

quilombo a respeito da COVID-19, a fim de que as medidas sanitárias e de distanciamento social pudessem ser colocadas em prática.

De acordo com Gomes e Merhy,¹⁰ por meio dessa estratégia pedagógica, amplia-se a compreensão sobre modos de cuidado, incluindo novos atores no campo da saúde, e busca-se o fortalecimento da organização popular, o combate aos problemas sanitários e a democratização das políticas públicas. Os autores atentam, ainda, para o fato de que a educação em saúde geralmente é compreendida como um modo de fazer com que as pessoas mudem seus hábitos para assimilar práticas higiênicas e recomendações médicas.

Entretanto, para os autores que se baseiam na educação popular, educar para a saúde é justamente ajudar a população a compreender as causas dessas doenças e a se organizar para superá-las.¹⁰

As intervenções propostas pelo projeto também são pensadas pelas lentes da Ação Clínica no Viver Cotidiano, que, para Santos,¹¹ é a forma como a(o) psicóloga(o) se inclina/movimenta em direção ao cuidado com o outro nos espaços coletivamente habitados. Desse modo, a autora explicita a plasticidade da ação clínica que é vivida durante as andanças pela comunidade e que cuida das demandas que surgem no cotidiano. Além disso, a autora nos leva a pensar que espaços coletivamente habitados não se resumem aos espaços geográficos, mas que há outras formas de se habitar coletivamente, como um espaço acontecimental, a experiência do viver-com, conviver – mesmo que distanciados, devido ao momento pandêmico.

A partir dessa ação extensionista, é possível constatar a relevância da ação clínica e de sua interface com a ação ético-política, no diálogo com o direito e a territorialidade em saúde, visto que esse é garantido constitucionalmente pela Constituição Federal (1988)¹², no Art. 196. Este documento se refere à saúde como um dever do Estado e um direito de todos, devendo ser garantida por políticas sociais que objetivem a democratização de seu acesso, de modo a reduzir os danos e os agravos de doenças e a ampliar a promoção, a prevenção e a recuperação em saúde.¹²

Nesse sentido, podemos observar a potência do encontro com a comunidade, já que a acompanhamos em seus modos próprios de cuidados do território, estabelecendo um diálogo horizontal que escuta e reconhece as práticas de cuidados já encontradas na comunidade. Esse processo fortalece o enfrentamento coletivo dos problemas vividos pela comunidade no cotidiano. Com base nesses princípios, a extensão, em coparticipação com o quilombo, constrói ações que possibilitam aos próprios moradores se mostrarem enquanto agentes de saúde fundamentais a essa ação, visto que propagam e reforçam os cuidados e as medidas sanitárias a serem seguidos.

É necessário, então, auxiliar na descolonização vivida pelas pessoas da comunidade em seu corpo, trabalhando com arte, cultura e subjetividade, ou seja, seus sentimentos, emoções, e verdadeiros desejos no intuito de fortalecer os processos de tomada de consciência e conquista da autonomia.¹³

Por fim, ressaltamos a importância de a universidade pública confirmar seu papel social e o comprometimento com a

comunidade adjacente. A extensão universitária fortalece vínculos significativos e nos permite exercitar uma *práxis* psicológica ética no viver cotidiano e nos espaços coletivamente habitados, fortalecendo nossa formação enquanto profissionais da saúde com pensamento crítico, social e compromissados com a população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, notamos a relevância dessa ação, que contribuiu para a prevenção e a promoção da saúde à comunidade em relação à COVID-19, levando aos moradores orientações e proteção através das máscaras. Reforçou, ainda, a corresponsabilidade, para que todos possamos viver em segurança, nos protegendo e protegendo os outros, ou seja, protegendo a vida.

Assim, evidenciamos a necessidade de o trabalho ser realizado em coparticipação, tendo em vista que, sem as costureiras e moradores, sem o apoio da UPE e sem a união dos participantes do Programa de Extensão “Um Pé de Saúde”, essa ação não seria possível. Com isso, mostramos a importância do cuidado atrelado à coletividade em tempos pandêmicos, assim como a imprescindibilidade de traçar novos modos de cuidado consigo e com o outro. São aspectos fundamentais frente à crise sanitária da COVID-19.

Ademais, a ação extensionista ressalta o papel político-social exercido pela universidade pública e a indispensabilidade de ações em território que promovam saúde e cuidado. A atenção básica é, então, um caminho fundamental a ser seguido pelos profissionais de saúde. Nesse cenário, ao olhar para os quilombolas, realçamos a

necessidade de ações como essa, que possibilitam focar os modos de organização e de cuidado de um povo marcado por luta e resistência. Sendo assim, somos convidados a repensar sempre a *práxis* dos profissionais e a democratização do acesso à saúde numa interface com o território.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, A. N.; MORATO, H. T. P.; SCHMIDT, M. L. Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In: RODRIGUES, M. M. P.; MENANDRO, P. R. M. (orgs.). **Lógicas metodológicas**: trajetos de pesquisa em Psicologia. Vitória: UFES/GM Gráfica Editora, 2007. p.193-206.
2. BRAGA, T. B. M.; MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p. 555-570, 2012.
3. ALVES, C. B.; DELMONDEZ, P. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, n. 34, p. 647-661, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 fev. 2021.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é Coronavírus (COVID-19)?** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 21 jul. 2020.
5. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. **Oitava Conferência Nacional de Saúde**: o SUS ganha forma. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/oitava-conferencia-nacional-de-saude-o-sus-ganha-forma>. Acesso em: 01 mar. 2021
6. BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. P. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan./apr. 2007.
7. FREITAS, D. A. *et al.* Saúde e Comunidade Quilombolas: Uma revisão de literatura. **Revista CEFAC**. São Paulo, v. 13, n. 5, p. 937-43, set. 2011.
8. LOPES, F. Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: Tópicos em saúde da população negra no Brasil. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE - FUNASA. **Saúde da população negra no Brasil**: contribuições para a equidade. Brasília, 2005. p. 9-45.
9. SANAR SAÚDE. **Linha do Tempo do Coronavírus no Brasil**. Salvador, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 01 mar. 2021
10. GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Compreendendo a Educação Popular em Saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 7-18, jan. 2011.
11. SANTOS, S. E. de B. **Olha!... Arru(a)ção!?!...** A ação clínica no viver cotidiano: conversação com a fenomenologia existencial. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Doutorado em Psicologia Clínica. 2016.
12. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anosus/legislacao/constituicaoafederal.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.
13. WIMMERR, G. F.; FIGUEIREDO, G. O. Ação Coletiva para qualidade de vida:

autonomia, transdisciplinaridade e intersetorialidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 145-154, 2006.

Agradecimentos

Agradecemos à Associação de Quilombola do Castainho, por nos acolher no quilombo e por fazer a ação acontecer. Também agradecemos a todas e a todos os(as) quilombolas que se dispuseram a dialogar com a equipe. Em nome de todos os que compõem o programa de extensão “Um Pé de Saúde”, muito obrigada.

Artigo Original

Contribuições acerca do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade quilombola

Contributions about knowledge sharing in meetings with the community

Laura Nunes Novaes¹ orcid.org/0000-0002-8413-5839

Maria Catarina Félix da Silva¹ orcid.org/0000-0003-0939-0351

Suely Emilia de Barros Santos² orcid.org/0000-0001-6249-7487

Wanessa da Silva Gomes³ orcid.org/0000-0002-9093-8275

¹Graduanda em Psicologia, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

²Psicóloga, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

³Enfermeira sanitária. Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

E-mail do autor correspondente: laura.novaes@upe.br

Submissão: 08/06/2021

Aprovação: 16/07/2021

RESUMO

O presente trabalho tem a pretensão de apresentar o Programa de Extensão Universitária “Um Pé de Saúde”, que atua junto à comunidade quilombola do Castainho, em Garanhuns-PE, desde 2017. Nesse sentido, a partir de relatos de experiência de duas extensionistas acerca de ações realizadas pelo programa, pretende-se, por meio da leitura fenomenológica hermenêutica, discorrer um pouco sobre os encontros coparticipativos já realizados. Este artigo traz pontuações, não como resultados fixos e finalizados, mas sim, como reflexões na direção do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade, ações de saúde e de valorização da cultura quilombola. Sendo assim, compreendeu-se a importância de uma extensão de práxis emancipatória, que permite um compartilhar de saberes e conhecimentos plurais, de forma a construir um caminho entre a Universidade e a comunidade, diante da possibilidade da interação.

Descritores: Universidade; Extensão; Comunidade Quilombola; Fenomenologia.

ABSTRACT

The present work intends to present the University extension “Um Pé de Saúde”, which works with the quilombola community of Castainho in Garanhuns-PE since 2017. In this sense, through the experience reports of two extension workers in actions carried out by the program, it intends to through phenomenological reading, talk a little about the co-participative meetings already held. In this sense, the article in question brings scores not as fixed and final results, but as reflections on the sharing of knowledge in meetings with the community, health actions and the valorization of quilombola culture. Thus, it was understood the importance of an extension of emancipatory praxis, which allows exchange of knowledge and plural knowledge as a way of building a path between the University and the community, since it allows possibilities of being with others.

Keywords: *Universidade; Extensão; Comunidade Quilombola; Fenomenologia.*

1. INTRODUÇÃO

Devido a um histórico elitista da Educação, é possível verificar contrapontos e entraves nas práticas de extensão. Por isso, torna-se importante mostrar de que lugar partimos e olhamos, quanto ao modo de intervenção da extensão Um Pé de Saúde, programa que, por meio de práticas em saúde desde 2017, atua em coparticipação com a comunidade quilombola do Castainho, localizada na cidade de Garanhuns-PE. Há duas perspectivas de extensão universitária: uma vista como assistencialista e outra, não assistencialista.¹ A primeira se refere a um caminho só de ida, no qual a transmissão de conhecimento é vertical, sustentada por uma ideia colonizadora. Já a segunda é caracterizada pela comunicação, proposta por Paulo Freire,² partindo de uma visão horizontal e não assistencialista, que permite diálogo e autonomia, capaz de promover conscientização.

Nesse sentido, faz-se necessário pontuar aqui, que o presente trabalho parte de uma visão não assistencialista e, portanto, as ações que aqui serão relatadas veem, no diálogo e na coparticipação com a comunidade, um caminho a ser traçado e percorrido. Assim, dentro desse modo de intervenção, as práticas extensionistas têm a capacidade de realizar diversas interações com os múltiplos setores da sociedade, viabilizando o compromisso da responsabilidade social universitária e colaborando com experiências entre alunos, professores e comunidade.³ Portanto, tais práticas contribuem com a construção de realidades.

É nessa caminhada em via de mão dupla e na tentativa de uma práxis

emancipatória, de diálogo e respeito, que o presente programa de extensão, com ações extensionistas e a partir da coparticipação e corresponsabilidade, busca contribuir com a valorização da cultura quilombola, promover escuta e cuidado em saúde, ao passo que também aprende com a comunidade, através de vivências, prosas, contação de histórias. A aproximação e a articulação, portanto, estão presentes por meio da conversação.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico deste trabalho se deu por meio de registros narrativos construídos a partir da realização de cartografias clínicas, numa leitura fenomenológica hermenêutica, em que há um relato da experiência em diários de bordo, feito por cada extensionista.

Há narrativas sobre as reuniões com lideranças e encontros com a população durante o período pandêmico de 2021, bem como narrativas que se referem à ação intitulada “Beleza Quilombola”, promovida na escola Virgília Garcia Bessa, realizada no dia 22 de novembro de 2019, na qual buscou-se trabalhar aspectos próprios da população negra, desde as características físicas até a vestimenta e/ou acessórios, como o turbante, a trança nagô e a construção de bonecas negras. Tais aspectos representam o modo de reconhecimento e historicidade do povo tradicional quilombola.

3. RESULTADOS

Diversas ações foram concretizadas. Entre elas, estão: atividade em saúde com realização de oficina de criatividade, plantão psicológico, oficina de plantas

medicinais, aferição de pressão, auriculoterapia, construção do censo demográfico do Castainho, distribuição de materiais de proteção contra a COVID-19 e orientações seguras sobre a sua prevenção. Entretanto, neste trabalho, focaremos na ação de valorização da beleza quilombola e nos encontros com a comunidade.

No que se refere à ação de beleza quilombola, essa foi a segunda atividade evidenciando a temática desenvolvida pelo programa de extensão na comunidade, como é possível ver na narrativa a seguir:

“Ao chegar à escola, deparo-me com fotografias realizadas pelo programa Um Pé de Saúde, de ações anteriores. Pude perceber como aquilo era uma semente, para nós (grupo), a escola e a comunidade. Ter estado ali, conhecer aquela escola e quem a frequenta, os sentimentos e todas as sensações vividas me fizeram crescer também em um âmbito pessoal, além do acadêmico. É sobre um encontro com o outro[...], sobre histórias e sentimentos que nos perpassam. Relembrar a ação, escrever e trazer de novo à memória, enfim, tudo isso me fez querer conhecer mais, cada vez mais, os povos tradicionais.” (Diário de bordo, 2021).

Nesse sentido, vê-se a importância de atividades extensionistas, visto que permitem a relação do aluno com outros campos de saberes. Nos movimentos coparticipativos e em contato com outros, são elaboradas questões plurais e coletivas. O conhecimento se dá justamente nesta relação homem- mundo e nas problematizações que surgem a partir dela.² Sendo assim, não há uma transmissão de conhecimentos na qual um sabe mais e outro menos, mas sim uma comunicação que se dá mediante a

relação, podendo esta ser transformadora.

Figura 1: Foto tirada em frente à escola onde ocorreu a ação “Beleza Quilombola” na comunidade do Castainho. Garanhuns, 2019.



Fonte: Autor

Ainda referente a essa mesma ação, ressaltamos aqui uma outra narrativa que revela histórias de luta diante de uma tentativa de apagamento de seus traços físicos. Naquele momento, traziam à tona seus modos de vida que se mostram para além do aspecto estético, como ação política, que, por meio de uma rememoração com os seus e através de contação de histórias, não deixam que seus costumes sejam esquecidos. Vejamos:

“Ouvi uma das meninas dizendo que queria colocar a coroa (apontando para o turbante). Isso me fazia perceber a importância daquele momento. Mais ainda, quando um dos meninos que se propôs a me ajudar (na construção das bonecas negras) convida uma mãe a aprender a fazer as bonecas: “você precisa aprender também para fazer para ela”, ele diz. Penso que, de alguma forma, aquele menino entendeu o sentido da construção de abayomi. Percebo a transmutação de sentimentos

quando a boneca foi colocada: um deles pensa em sua tia. Então, entendo que os entrelaços, ali, estavam para além dos fios e tecidos em suas mãos.” (Diário de bordo, 2021).

Conforme percebido, a ação teve, como algumas de suas propostas, o uso de turbantes e a construção de bonecas negras, as quais foram produzidas a partir de pedaços de tecidos e fios. A atividade do artesanato com bonecas negras abre espaço para a evocação da cultura negra em suas raízes, além de favorecer a constituição e o fortalecimento de suas identidades.⁴ Sendo assim, vê-se nesse exercício uma prática de cuidado, pois permite trabalhar a autoestima e a partilha de conhecimentos com as pessoas de suas comunidades.

Os momentos de diálogo acerca das características físicas do povo negro e todos os significados envolvidos vêm se apresentando com frequência nos encontros ocorridos. Destacou-se um diálogo que ocorreu com uma moradora bastante ativa nos movimentos da associação dos moradores da comunidade, sobre o programa de TV Big Brother 21:

“Havia ocorrido uma fala desconfortável sobre o cabelo crespo de um dos participantes do programa. Sobre esse ocorrido, a moradora da comunidade retratou a reação dele, em expor seu desconforto e aparente dor, diante da situação, como vitimismo, pois em sua visão, ela apontava que não se lamentava das características, da sua vida e de sua origem, não tendo, assim, inveja de ninguém que é mais bonito, rico ou inteligente. A partir disso, fiquei curiosa em desenvolver mais a conversa, sob o ponto de vista de vivências ou conhecimentos de bullying que poderiam talvez aproximar de uma

compreensão do que o participante pode ter sentido. Independente disso, as professoras, com bom humor, reafirmaram que apontar as características afro não era uma prática ofensiva por si só.” (Diário de bordo, 2021).

Essa passagem ressalta uma reafirmação identitária que se afasta de ver seus traços como algo que cause sofrimento. Logo, não há vergonha de sua historicidade, modo de viver ou características. Apesar disso, a temática permite refletir que um incômodo pode não dizer sobre uma dor por ter tais características, mas sim sobre a forma que o outro reage a respeito delas, repetidamente ao longo de sua vida.

Nessa perspectiva, os traços não causam sofrimento, mas a forma racista de falar desses traços pode, sim, ser ofensiva, porque fala de uma ofensa coletiva, não é mais uma questão apenas pessoal. Para além, a própria narrativa elucida a invisibilidade de um processo comum em nossa sociedade, já que camufla o racismo com o bullying, pois qualquer violência repetida a traços, história ou cor se configura como racismo⁵, diferentemente do processo de bullying que não tem motivação clara para o conjunto de agressões repetitivas.⁶

Dialogando com outros modos de ocultamentos, a ideia de suposta igualdade entre as etnias, por exemplo, por sermos miscigenados, podem reforçar a visão de vitimismo⁷ nas considerações feitas a respeito de violência ou apropriação cultural, já que o caráter ofensivo no modo de agir e comentar se perderia e esse processo corroboraria para conter manifestações e inconformismo racial, ou seja, auxiliaria a normatização do racismo.

Outro momento que nos marcou foi no início do ano letivo de 2019, em reunião no Castainho com lideranças. O propósito era construirmos as possibilidades de continuidade das ações extensionistas juntos. Na conversa, foram destacadas as mudanças que estavam ocorrendo por lá. No caso, a mudança de liderança, a comunicação entre as comunidades e o processo referente às tomadas de decisões conjuntas, em roda de conversação, sempre foram princípios valorizados na cultura dos povos tradicionais:

“Esteve muito presente, inclusive pela nova liderança. Está claro o prejuízo que tem o distanciamento comunicativo entre as comunidades, que são seis ao todo. Um outro líder até comentou sobre o ditado que juntos é mais difícil quebrar e eu me peguei refletindo sobre o sentido de comunidade. Desafio de comunidade. Suely ressaltou que sempre haverá opiniões diferentes, entretanto, nesses momentos, é importante lembrar o que é que os mantém juntos e, diante disso, conseguirem se entender. Ao fim, só podia pensar no quanto podemos aprender com a história, realidade e desafios da comunidade Quilombola de Garanhuns.” (Diário de bordo, 2021).

A marca da dialogia pela organização em roda no Castainho está presente através da característica da tradição oral como base dos conhecimentos quilombolas. Para além disso, é em roda que as danças e vivências eram caracterizadas nas narrações saudosas sobre os modos de viver na comunidade do Castainho, antigamente com conversas e músicas em frente à igreja, no samba de coco.⁸⁻⁹

Nesses momentos, é possível ser elucidado o quanto estamos aprendendo

e como esse aprendizado vai ocorrendo a cada contato com eles, próximo dos seus modos de ser e conviver. Desde a relação com o território que vem perpassando a lógica coletiva legalmente, a imersão cultural nos modos individualistas do capitalismo também exerce influência. A partir disso, coloca-se colocam a cooperação como um desafio na democratização das decisões e construção do ser coletivo.¹⁰ Eles apontam as rodas como formas de olhar nos olhos.

Figura 2: Reunião das lideranças do Castainho com a extensão, dialogando possíveis ações na comunidade. Garanhuns, 2019.



Fonte: Autor

Esse modo em comunidade também apresenta desafios.

“Encontramos a atual liderança do Castainho. Em meio à conversa, houve desabafos da parte dela sobre uma solidão (mais restrição e responsabilidade) que um lugar de líder proporciona, inclusive nas visões e ideias que, muitas vezes, não batem com o senso comum de sua comunidade. Foi muito gratificante ver a compreensão sobre o assistencialismo: as cestas básicas até ajudam, mas não resolvem o problema e ainda causam dependência. Suely reafirma que cestas

são para emergências, mas não se vive em emergência ou crise. Isso me fez lembrar do curso sobre crise e emergência, que tive a oportunidade de realizar e do qual levei comigo na síntese: Vejo em crise um momento angustiante que demanda cuidado e possibilidade de mudança. A liderança me mostrou ler a situação exatamente assim, enxergando a dor da emergência, mas também a possibilidade de mudança daquela realidade, inclusive de forma preventiva, além da própria ação de líder com o cuidado.” (Diário de bordo, 2021).

O assistencialismo político ignora a necessidade da autonomia que proporcione a longo prazo a desnecessidade da sua existência.⁹

Conforme apontado por José Carlos, liderança em 2016, o apoio político está longe de ser a favor das comunidades quilombolas. Esse olhar crítico condiz com o posto por Costa, Fonseca e Fontes:

“[...] a liderança comunitária atua na mediação dos caminhos a serem desnudados, ao contrário de uma entrega paternalista, aos participantes, das soluções vislumbradas. Não se deve negar o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer. Os líderes devem mediar o exercício da atitude crítica em face do objeto, por intermédio da problematização. Desse modo, não incorre o risco de reforçar neles uma atitude passiva e receptiva”.¹⁰

O modo de cuidado da liderança é em um construir que não se transplanta, mas sim se reinventa por dizer de uma realidade única.¹⁰ Diversas formas de cuidar podem acompanhar as amplas maneiras de demandar. Por exemplo, no movimento extensionista, um modo

diferente do senso comum do psicólogo ocorreu como viabilidade de um cuidado aberto à crise, à angústia do momento ou a qualquer movimento que não dê para esperar, através dos plantões psicológicos, “considerados possibilidades de um atendimento emergencial [...]”.¹¹

Ademais, o movimento em busca de saúde e qualidade de vida, alvo de interesse da associação de moradores, possibilita repensar conceitos de saúde consagrados, como o da OMS: “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”,¹² pois esse “perfeccionismo” de bem-estar não abrange os desconfortos presentes em movimentos de resistência, por exemplo, e a perspectiva integrada do ser humano desejada é insuficiente, porque essa definição ausenta a visão de um bem-estar que é de acordo com a realidade especificamente apresentada.¹³

Logo, o bem-estar pode estar além do conforto e abarcar o prazer característico da maestria que, diferentemente do prazer fisiológico e das sensações, envolve um esforço para sua conquista e esse processo a torna diferenciada. É possível refletir que a dor presente no desconforto pela busca de objetivos comunitários não se torne sofrimento diretamente. O sofrimento é a lamentação por uma realidade que vai além do seu poder de mudança; é ressentimento pela sua forma existencial.¹⁴ Portanto, é importante diferenciar essas possibilidades de formas de se apresentar no mundo, como demonstrado no descontentamento da moradora da comunidade diante do caso do BBB 21. Nesse contexto, é possível questionar qual a sua visão e o que nossa extensão pretende proporcionar quando se fala em saúde. O programa Um Pé de Saúde busca promover a saúde partindo de uma visão integral e descentralizada

do ser, abarcando diversos cursos em sua composição, com cuidados diferentes, bem como a compreensão da historicidade, cultura e condição sociopolítica como aspectos importantes na promoção da saúde. Conforme levantado anteriormente, também construímos ações em diálogos com seus modos de cuidado populares, em um fazer cotidiano, a partir do desvelamento de demandas da comunidade. Esse movimento contrasta com outras formas de atenção que aparecem em narrativas:

“Foi narrado descontentamento com restrição da psicóloga presente na instituição da comunidade, pois esta alegava necessidade de sua sala, dentro de alguns critérios, para fazer seus atendimentos. Essa postura vai em direção totalmente contrária à psicologia que compreendemos: uma psicologia que se inclina, oferecendo cuidado a partir da realidade e maneiras de viver do próximo, podendo dar atenção embaixo de árvore, sentada em um batente ou mesmo em andança.” (Diário de bordo, 2021).

4. DISCUSSÃO

Diante do exposto, as formas de diálogo presentes na extensão “Um Pé de Saúde” se apresentam, desde seu início, em diversas ações e estas, juntamente com as apresentadas nos relatos, possuem em comum o movimento do extensionista em oferecer abertura e disposição afetiva para a experiência com o outro, em seu viver cotidiano. A partir disso, a construção das ações e a vivência delas foram marcadas pelo compartilhar de conhecimento. Assim, é diante de todas essas experiências, que as narrativas são produzidas e, por meio desse caminho, a análise e a discussão

propostas neste artigo buscam refletir sobre novas direções e sentidos, sem buscar explicação ou conclusão. Esse fazer se distancia da ideia de apanhar informações com a finalidade de explicar fatos, já que a narrativa é compreendida como uma contação de experiências.¹⁵ Nesse sentido, os registros narrativos permitem afetações e reflexões sobre os encontros na comunidade.

Desse modo, é possível refletir que o conhecimento vai se construindo no diálogo. Nessa vertente, nas ações extensionistas há um distanciamento de uma intervenção mediada pela técnica moderna, isso porque a perspectiva interventiva permite abertura, pois como colocam Barreto, Santana e Leite¹⁶, esta se apresenta como um caminho fértil, haja vista que suas reverberações desvelam outros horizontes para a compreensão dos fenômenos humanos. Sendo assim, nesse movimento, o extensionista se propõe a um olhar diferente daquele baseado em certeza ou verdade já conhecida, aguardando serenamente que, no encontro com a comunidade, possam ir-se construindo os caminhos a serem transitados. Assim, há desafios de incerteza e desalojamento. Ou seja, assumir a atitude de construir ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados, que é o caso de uma comunidade quilombola, evidencia a incerteza perante a abertura à dialogia, mas seria nesse processo a possibilidade de revelação do fenômeno a ser trabalhado.¹⁵

Nesse sentido, a ação clínica se mostra como um modo de acompanhar o outro, com o objetivo de respeitar sua forma de se direcionar na vida, assumindo as tarefas do viver e do seu cotidiano, ao passo que se apodera de si e de sua história.¹⁷ Assim, partindo dessa

perspectiva, a presente extensão busca promover um cuidado que não invade o espaço do outro, especialmente aqui, não modificando costumes, tradições e práticas de cuidado da comunidade. Isso pode ser observado, por exemplo, na ação “Beleza Quilombola”, citada anteriormente, pois se trata do movimento da própria comunidade em nos convidar para estarmos juntos, com diálogo e coparticipação, em um dia significativo em sua história: o Dia da Consciência Negra. Desse modo, percebe-se que considerar a historicidade do outro é compreendê-lo como um ser-com-outros.

Referindo-nos à ação de continuamente avaliar, junto com as lideranças, as ações extensionistas realizadas e propostas, há a presença viva da perspectiva não assistencialista, apresentada anteriormente. Assim, a atenção perpassada pelo diálogo pode se ligar ao movimento de cuidado, abordado por Braga e Farinha¹⁸, que apontam o movimento de cuidado, no qual a autonomia do outro é mantida, favorecendo-o seguir seus próprios caminhos, ou seja, há espaço de escuta, encontro, diálogo, partilha que convida o outro a cuidar de si e dos modos de conviver, construindo história e tecendo movimentos juntos, em coparticipação. Essa ação ainda nos lembra que

“o cuidado (*sorge*) não é algo que temos, mas que somos: em cada relação que estabelecemos, em cada ação no mundo, em nosso lidar cotidiano com outros entes, tornamo-nos também quem somos.”¹⁸

A relação entre a extensão e a comunidade se mostra como manifestação do cuidado com outros. Afinal, “[...] ser-com-o-outro pressupõe um

relacionamento significativo e envolvente, também chamado de autêntico cuidar”.¹⁸

No mais, é possível compreender que a extensão universitária é de significativa importância na formação acadêmica - profissional. Pois, como visto através dos relatos, as vivências das práticas por parte dos que compõem o projeto produz uma experiência aprendente, que fortalece não só os conceitos ao aluno anteriormente apresentados, mas porque permite também abertura a conhecimentos plurais.¹⁹

A caminhada se faz junto e na relação aluno-docente-comunidade é que os referidos autores afirmam ser possível a criatividade, o se perceber coparticipante que, só faz sentido, quando tecida por/em redes de conhecimento, na relação dentro-fora da Universidade, vivenciada e sentida. Ademais, vê-se que olhar para a extensão universitária é pensar numa formação para além do mercado de trabalho, haja vista que propõe, aos seus integrantes, uma compreensão plural e diversa sobre os diferentes segmentos da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, de forma breve, apresentar recortes de relatos de experiência do Programa de Extensão Universitária “Um Pé de Saúde”, havendo a possibilidade de expressar o seu modo de agir e dialogar com a comunidade do Castainho em Garanhuns-PE. A partir das narrativas, aconteceu uma discussão sobre a ação extensionistas, que objetiva a atenção e o cuidado não assistencialista, mas sim uma ação de coparticipação e corresponsabilidade com a comunidade, de modo a não visar resultados ou explicações, mas promover saúde nos territórios. Além disso,

pretendeu discorrer um pouco sobre a presença da leitura hermenêutica, compreendendo a narrativa como um modo de contação da experiência que caminha para um diálogo consigo e com outros.

REFERÊNCIAS

- GADOTTI, M. **Extensão universitária: para quê**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.
- FREIRE, P. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CARVALHO, C. M. R. G. *et al.* Contribuições de uma extensão universitária participativa: uma proposta de educação para a cidadania. **Extramuros-Revista de Extensão da UNIVASF**, Juazeiro, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/875/635>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- ROSA, G, R; FERREIRA, A. S. A confecção de bonecas negras na formação docente. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantins, v. 2, n. 1, p. 127-143, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/2820>. Acesso em 16 de maio de 2020.
- CARAPELLO, R. O racismo camuflado pelo bullying. **Revista Educação**, São Paulo, v.15, n.1, p.171-8, 2020. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4018/3073>. Acesso em 15 de maio de 2021.
- SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-38, Dec. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 17 de maio de 2021.
- MOURA, T. M. Racismo na contemporaneidade: **Uma análise do racismo nas redes sociais**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8273/5/Disserta%20c3%a7%20a30%20-%20Tatiana%20Maria%20de%20Moura%20-%202017.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2021.
- SILVA, J, O. **Quilombo, cultura e política: uma etnografia das políticas culturais na comunidade de Castainho, PE**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12019>. Acesso em: 17 maio 2021.
- QUEIROZ, M. G. **Memórias de resistências, identidades em conflito e a prática educativa da Escola Municipal Virgília Garcia Bessa na Comunidade Quilombola do Castainho em Pernambuco**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28996>. Acesso em: 17 maio 2021.
- COSTA, R. R. S.; FONSECA, A. B.; FONTES, R. A. B. “Não é uma associação para cuidar das terras, mas para cuidar das pessoas”: A organização social quilombola sob as lentes da educação crítica. **Revista Humanidades e Inovação**. Tocantins, v. 4, n. 3, 2017.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/398>. Acesso em 17 de maio de 2021.

11. YEHIA, G. Y. Interloquções entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 65-72, jan./abr, 2004.

12. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Constituição da Organização Mundial de Saúde**. Washington, 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

13. SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-42, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>. Acesso em: 14 maio 2021.

14. FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M.; SANT'ANNA, G. S. Desespero e sofrimento no discurso de pessoas que pensam em tirar a própria vida: uma análise existencial. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 328-50, 2018.

15. SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. Fenomenologia Existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n3/a08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

16. BARRETO, C. L. T.; SANTANA, A. M.; LEITE, D. F. C. S. Contribuições da Fenomenologia Existencial à Psicologia: outros horizontes para a prática psicológica. In: _____. **Psicologia Clínica nas Fronteiras - Saúde, Educação e Cultura**. Curitiba: CRV, 2019. v. 1, p. 169–89.

17. BARRETO, C. L. B. T. Angústia e Desamparo: o sofrimento humano na era da técnica moderna. In: BARRETO, C. L. B. T.; SIQUEIRA LEITE, D. F. C. C.; SILVA, E. F. G. (orgs.). **Clínica psicológica e sofrimento humano: uma perspectiva fenomenológica existencial**. Curitiba: CRV, 2018, p. 19-34.

18. BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em Busca de Sentido para a Existência Humana. *Phenomenological Studies*. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

19. RIBEIRO, M. R. F.; PONTES, V. M.; SILVA, E. A. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2017. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9097/5506>. Acesso em: 20 maio 2020.

Artigo Original**Transposição do Velho Chico: compreensões acerca da lógica desenvolvimentista em comunidades rurais.*****Transposition of the Velho Chico: understanding of developmental logic in rural communities.***Gabriela Helena Borges¹ orcid.org/0000-0003-1770-6088Maria Letícia Pereira da Silva¹ orcid.org/0000-0003-4998-9289.Giselle Oliveira Santos¹ orcid.org/0000-0003-3823-1835Renata Pereira Farias¹ orcid.org/0000-0002-4297-7421Suely Emilia de Barros Santos² orcid.org/0000-0001-6249-7487Wanessa da Silva Gomes² orcid.org/0000-0002-9093-8275Clarissa de Oliveira Gomes Marques da Cunha³ orcid.org/0000-0003-2567-141XAndré Monteiro Costa⁴ orcid.org/0000-0001-6043-129X¹Graduanda, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil²Doutora, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil³Doutora, Universidade de Pernambuco, Arcoverde, Pernambuco, Brasil⁴Doutor, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Pernambuco, BrasilE-mail do autor correspondente: gabriela.borges@upe.br**Submissão:** 12/07/2021**Aprovação:** 14/09/2021**RESUMO**

O artigo de pesquisa foi desenvolvido a partir da experiência de extensionistas no programa “TransVERgente” que conta com uma equipe multi e interdisciplinar, com o intuito de viabilizar espaços de cuidado a partir de ações de prevenção e promoção em saúde voltadas para a população impactada pela transposição do rio São Francisco em Sertânia/PE. Dessa maneira, a partir de experiências neste território, nosso objetivo é identificar discursos de poder que em nome da lógica desenvolvimentista violentam o modo de vida da população residente nas comunidades. A metodologia utilizada para caminhar nesses espaços foi a Cartografia Clínica, portanto, o trabalho analisa fontes documentais constituídas por propagandas divulgadas por órgãos governamentais e compara esses documentos com a realidade circunscrita nos diários de bordo das extensionistas, que presenciaram as narrativas sobre os impactos da obra. Os resultados desse programa foram ações traçadas coletivamente em coparticipação com a comunidade, apresentadas por imagens que mostram as atividades feitas. Diante disso, as principais considerações são referentes à lógica desenvolvimentista que parte de um lugar de poder e que usa do discurso em nome do “desenvolvimento” para violar direitos humanos, sociais, territoriais e de saúde da população residente nos entornos da transposição.

Descritores: Transposição. Povos da Terra. Direitos Humanos. Extensão.**ABSTRACT**

The research paper was developed from the experience of extensionists in the "TransVERgente" program which has a multi and interdisciplinary team, in order to enable spaces of care based on actions of health prevention and promotion aimed at the population impacted by the transposition of the São Francisco River in Sertânia/PE. This way, based on experiences in this territory, our objective is to identify discourses of power that in the name of the developmental logic violate the way of life of the population living in the communities. The methodology used to walk in these spaces was Clinical Cartography, therefore, the paper analyzes documentary sources consisting of advertisements disseminated by government agencies and compares these documents with the circumscribed reality in the extensionists' logbooks, who witnessed the narratives on the impacts of the work. The results of this program were actions drawn collectively in co-participation with the community, presented by images showing the activities performed. Therefore, the main considerations are related to the developmental logic that starts from a place of power and uses speech in the name of "development" to violate human, social, territorial and health rights of the resident population in the surroundings of the transposition.

Keywords: Transposição. Povos da Terra. Direitos Humanos. Extensão.

1. INTRODUÇÃO

II

Entre estatais
E multinacionais
Quantos ais!

III

A dívida interna.
A dívida externa.
A dívida eterna¹

O texto, publicado em dezembro de 1983, está associado ao forte investimento em mineração da época; a obra faz alusão a uma lógica desenvolvimentista que tem continuidade às custas de anseios e lamentações de um povo. Análogo a isso, a região do sertão nordestino que circunda o rio São Francisco é historicamente marcada pelos conflitos por terras e água. Euclides da Cunha, ao citar o território em *Os Sertões*, o descreve como “[...] diagrama da nossa marcha histórica”, que fez parte do percurso de vaqueiros, jesuítas e bandeirantes.²

A região banhada pelo Velho Chico, está ainda relacionada às memórias e lutas do homem sertanejo contra o Estado, sendo o espaço do submédio do São Francisco o palco da revolta de Canudos, que iniciou com a insatisfação sobre a repressão do governo ao povoado.³

Dentre as histórias e conflitos que compõem a localidade, o desejo de transpor o rio São Francisco tem aproximadamente duas décadas e tem sido pensado desde o período do Império.⁴ O projeto da Transposição do rio São Francisco é um megaempreendimento pensado desde o século XIX e iniciado em 2007, sob responsabilidade do Ministério da Integração Nacional (MI) e se constitui como um dos projetos ainda em andamento no país. Apoiando-se em uma lógica desenvolvimentista, as autoridades responsáveis pela construção enfatizam sua importância para atendimento de necessidades hídricas no Sertão nordestino.

Apesar dos discursos sobre os benefícios associados à transposição, sua repercussão nas comunidades próximas envolve desde a desapropriação de moradores até dificuldades de mobilidade e acesso à educação e saúde, como visto em um primeiro contato com a população. Contexto que não ganha grande repercussão, uma vez que o projeto também explicita a relação de poder existente entre os responsáveis pela obra e a população rural que é acometida pelos impactos negativos.

Pensando no constante e evidente desejo dos megaempreendimentos, com consentimento estatal, de dominar as comunidades ligadas à terra, além da escassez de estudos que apontam as inúmeras violações de direitos sofridas pelas comunidades e da necessidade de lançar olhares críticos para as relações de poder que circundam as comunidades afetadas pela transposição do rio São Francisco, o programa de extensão TransVERgente surge através de um trabalho multi e interdisciplinar com a intenção de propor espaços de cuidado, bem como ações de prevenção e promoção em saúde, e orientações jurídicas voltadas para a população impactada. Dessa forma, torna-se possível, a partir da diversidade de profissionais, o compartilhamento de saberes e a elaboração de ações de intervenção em coparticipação com a comunidade.

O presente trabalho objetiva, a partir da experiência nas atividades proporcionadas durante as ações extensionistas, identificar discursos de poder que em nome do desenvolvimento violentam o modo de vida das comunidades próximas à transposição. A esse modo, o estudo se faz relevante uma vez que, a partir das reflexões trazidas, auxilia na construção de ações que estejam de acordo com as demandas desses territórios.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O programa de extensão universitária TransVERgente surge numa parceria entre a UPE - Campi Garanhuns e Arcoverde, com a FIOCRUZ/PE e atualmente a UFPB – Campus Sumé. O programa conta com uma equipe inter e multiprofissional composta por professores/pesquisadores, estudantes da graduação, residentes e mestrados das áreas de Psicologia, Direito, Serviço Social, Medicina, Enfermagem e Saúde Coletiva em articulação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertânia.

Este trabalho se utiliza de metodologia qualitativa, uma vez que é de cunho social não numérico e lida com interpretações e afetações relacionadas ao contexto estudado.⁵ Desse modo, pudemos lançar um olhar compreensivo acerca da experiência de transitarmos pelas comunidades campestres de Sertânia/PE, onde vive a população afetada pelas obras da transposição do rio São Francisco.

Utilizamos-nos da cartografia clínica para percorrer o território, a fim de compreendermos os sentidos dados às relações, bem como para escutarmos as narrativas dos moradores, visto que

A cartografia clínica parte da escuta psicológica visando tanto à investigação, quanto à intervenção: busca compreender o cenário social, criar modos de atuação possíveis e pesquisar a própria intervenção em ação.⁶

Ainda segundo as autoras, essa escuta também pode ser realizada enquanto um Plantão Psicológico, por ser feito devido a uma demanda espontânea dos habitantes que pontuam suas necessidades individuais de serem atendidos.

Utilizamos da narrativa inspirada em Walter Benjamin⁷ para registrar em diários de bordo a contação da experiência, dado que o diário de bordo se faz enquanto “narrativas em forma de escrita, feitas por protagonista, de próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência”.⁸

Dessa forma, é importante ressaltar o papel terapêutico dessa narrativa, uma vez que, esse compartilhamento de experiências além de possibilitar autonomia sobre o modo de se olhar, também viabiliza uma maneira de se ocupar da própria existência no mundo ao elaborar sua vivência.⁹ Portanto, para além do diário de bordo, a narrativa daqueles que são escutados neste cenário social traz um caráter de cuidado e acolhimento à demanda da população estudada.

O método utilizado para a interpretação/compreensão foi a Analítica do Sentido de Critelli.¹⁰ Segundo a autora, a análise do real acontece a partir de cinco possibilidades de mostraçõ, descritas e detalhadas por Silva e Santos:¹¹

Desvelamento – modo como se dará a afetação pelos depoimentos dos sujeitos/narradores.

Revelação – vem do impacto que o desvelamento do fenômeno provoca. (O momento da compreensibilidade).

Testemunho – é a literalização (dizer a partir das palavras dos sujeitos/narradores).

Veracização – Nesse momento, será dado o depoimento acerca dos passos anteriores, articulando-os com os conhecimentos prévios encontrados durante essa produção.

Autenticação – é o momento que, por fim, a pesquisa será levada a público, autenticando-a.

Ao mesmo tempo, fontes documentais constituídas por propagandas divulgadas

por órgãos governamentais também foram utilizadas enquanto estratégia metodológica. Segundo Gil,¹² são definidas fontes documentais aquelas que ainda não receberam tratamento analítico, podendo incluir documentos como diários, tabelas, cartas, ofícios, conteúdo audiovisual etc.

Essas fontes foram utilizadas a fim de produzir uma discussão analítica num diálogo com o que o megaprojeto de Transposição do Rio São Francisco se propôs a construir e ao que encontramos como ressonâncias dessa ação nas esferas sociais e geográficas. Já que, através das nossas ações extensionistas no território afetado, foi possível observar esses impactos e pensar em estratégias na tentativa da reparação comunitária referente ao sofrimento proveniente de violações de direitos a longo prazo.

3. RESULTADOS

As obras da transposição do rio São Francisco tinham previsão de término para 2012, estendida para 2016. No entanto, a realidade encontrada evidencia um cenário ainda marcado pela passagem das máquinas e pelos impactos que geraram perdas de âmbito material e imaterial para a população residente nas comunidades rurais de Sertânia/PE.

Nesse viés, apesar de o projeto de viabilização das obras desse megaempreendimento apontarem para mudanças positivas com relação ao acesso à água e aos cuidados em saúde, o que tem se visto no território revela uma série de violações de direitos que ressoam no cotidiano da população que sofre pela dificuldade de plantar e produzir, bem como de acesso a água, a saúde e a educação.

Além disso, o processo de desapropriação dos moradores tem resultado em indenizações irrisórias, bem como num sofrimento decorrente da saída das pessoas de suas residências, espaços onde moraram por décadas ou todos os anos da vida. Ainda, uma parcela dos moradores relatou que tiveram seu terreno atingido pela passagem das máquinas sem aviso e/ou sem respeito à demarcação de área prevista no projeto da transposição, o que ocasionou a derrubada das cercas e a fuga dos animais.

Diante desse cenário, nos anos de 2018 e 2019 o programa TransVERgente visualizou a possibilidade de construir em coparticipação com a população, ações contextualizadas com a realidade das comunidades afetadas. Além da população e da equipe do TransVERgente, também houve a participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertânia e da Defensoria Pública da União (DPU) e da Defensoria Pública do Estado de Pernambuco (DPE) para mobilização e realização das atividades.

Desse modo, as demandas emergentes no território direcionaram as ações de cuidado que a equipe multi e interdisciplinar pôde encaminhar. A partir disso, foram realizadas ações de escuta psicológica; aferição de pressão; levantamento de dados de saúde; auriculoterapia; orientação jurídica; encaminhamento de 2ª via de certidão de óbito, certidão de casamento; escuta da Defensoria Pública aos afetados pela transposição.

Figura 1: Trecho das obras da transposição do rio São Francisco. Arquivo do Programa TransVERgente.



Fonte: Autor

Figura 2: Equipe em uma das idas para as comunidades aos arredores do rio São Francisco em Sertânia/PE, 2018. Arquivo do Programa TransVERgente.



Fonte: Autor

Figura 3: Equipe multidisciplinar em uma das idas a território, em 2019. Arquivo do Programa TransVERgente.



Fonte: Autor

Figura 4: Ação extensionista com camponeses, 2018. Arquivo do Programa TransVERgente.



Fonte: Autor

Figura 5: Ação de cuidado e acolhimento à população residente das comunidades aos arredores da Transposição em Sertânia/PE, 2018. Arquivo do Programa TransVERgente.



Fonte: Autor

4. DISCUSSÃO

A ideia de desenvolvimento em megaempreendimentos, atrelada na maioria das vezes à “valores superiores” e uma expressão da modernidade, foi veiculada pelos governantes e grande mídia com a pejorativa de benefício para toda a população, mesmo que sejam previstos ainda em projeto danos à fauna, à flora, ao solo, aos valores culturais e aos modos de vida das populações afetadas.

Apesar das propagandas neoliberais que constituem esses projetos, é possível observar que a ideia de desenvolvimento

no Brasil ainda é marcada por colonialidades e ambiguidades que mais dizem de um projeto de dominação que de um projeto de futuro democraticamente favorável.

Associada ao incentivo da industrialização, a transposição do rio São Francisco, considerada uma das construções que cumpre a agenda de megaprojetos no país, conduz desde seu início, uma série de dificuldades para os moradores de espaços próximos às obras. O projeto, pensado enquanto estratégia de abastecimento hídrico para a região dos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, durante o decorrer de suas obras teve forte propaganda, como é perceptível em trecho de comercial lançado pelo Ministério do Desenvolvimento Regional:

O que era um sonho de gerações de nordestinos está se tornando realidade. [...] Com essa água chega também muita esperança e mais oportunidades para todos nós. [...] O Governo Federal entrega para o Nordeste e para o Brasil todas as infraestruturas físicas do Projeto São Francisco, um marco histórico para o país e uma nova vida para milhares de brasileiros.¹³

O megaempreendimento da transposição responde ao padrão neoliberal, o qual se apoia em discursos desenvolvimentistas fortemente estruturados e reproduzidos, uma vez que, ao mesmo passo que defendem o aumento da produção e da produtividade como condições necessárias para a região, apontam a insuficiência desses projetos para a redução das desigualdades e superação de problemáticas inicialmente apontadas,¹⁴ nesse caso, o abastecimento hídrico da população rural.

Num contexto de forte propaganda das vantagens prometidas através do megaempreendimento, foi possível visualizar em algumas comunidades as narrativas de moradores que consideram a transposição do rio São Francisco um megaprojeto que irá trazer mais benefícios que malefícios ao cotidiano dessa população:

[...] o Sindicato diz não ser contra a transposição e, além disso, a visão de alguns moradores é de que as mudanças que aconteceram e que iriam acontecer refletiam 80% de melhorias e 20% de problemas (Diário de Bordo).

Nessa perspectiva, compreendemos que o discurso desenvolvimentista atrelado ao projeto da transposição e amplamente divulgado de forma midiática, exerce influência no modo como essas pessoas enxergam as ressonâncias da obra no cotidiano, bem como os impactos que atravessam seus modos de vida.

Recorda-se, assim, as polycitações feitas pelas sociedades e economias vistas como referencial para os países "subdesenvolvidos" do sul geopolítico, em que a industrialização e consumo são preconizados. Contudo, a contrapartida de assemelhar-se ao modo de vida desses países é a legitimação das relações coloniais e de tornar o território subalterno à lógica do capital.¹⁵

Olhando para os bastidores dessa lógica desenvolvimentista, é importante pensar que o projeto também responde à uma ferida colonial estabelecida pelo modo como o campo é visto, considerando a ideia urbanocentrista que persegue esse panorama. Portanto, não bastasse a colonialidade envolvida na relação dominador - patrão e dominado - empregado, essa perspectiva é a mesma

no que concerne a uma representação geográfica.¹⁶

Nesse rumo, congruente à estrutura colonial-capitalista, julga-se que os moradores de comunidades camponesas sejam irrelevantes nas tomadas de decisões e na manutenção do viver cotidiano nas diferentes formas de habitar o território, assim são submetidos ao domínio de projetos do Estado e de concepções que partem desse sentido urbanocêntrico. Tal constatação faz considerar as estruturas normativas que carregam o discurso de poder hegemônico e orientam as sucessivas gestões do Estado-colonial, sem se importar com a pluralidade que habita o território nacional.¹⁷

Longe das propagandas moldadas através da lógica desenvolvimentista, a partir de nossas andanças nas comunidades através do programa, aparecem as queixas sobre as consequências de uma transposição que continua afetando o cotidiano dos camponeses. Como repercussões negativas, são citadas a perda de moradia e os impactos sociais e psicológicos advindos da perda de terras. Sendo o sentido da terra, para os camponeses, indistinguível do vínculo afetivo que se estabelece com a moradia, que em parte dos casos é o mesmo espaço em que são realizadas as atividades de agricultura que garantem a subsistência dos moradores. Segundo Segaud,¹⁸

Apropriar-se do espaço é estabelecer uma relação entre esse espaço e o eu (torná-lo próprio) por meio de um conjunto de práticas. Trata-se de atribuir significação a um lugar.

Assim, passados alguns anos após a retirada de moradia dos camponeses, o sentimento de desapropriação ainda é presente, uma vez que mesmo para

moradores que foram concedidas novas habitações, ainda há dificuldade de vinculação e apropriação dos espaços do novo território. Em narrativa sobre o contato com uma das Vilas Produtivas Rurais (VPR) fornecida como residência para a população desapropriada,

[...] não conseguia visualizar nenhuma outra pessoa em qualquer local da vila, praça e ruas estavam desertas. Caso não soubesse que ali residiam pessoas, chutaria que era uma vila abandonada (embora abandono, dado o contexto vivenciado pelos residentes do local, ainda seja um termo cabível) (Diário de Bordo).

Além das dificuldades relacionadas à perda de terras, algumas comunidades descrevem falta de abastecimento de água após as obras, demonstrando contradição em relação ao objetivo do projeto, uma vez que, como apresentado em trecho de vídeo-propaganda divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento Regional¹⁹ sobre a finalização de um trecho da obra:

Água é vida e a gente tem que ter água pra tudo. Pra beber, cozinhar, tomar banho, pra tudo, né? Sem água a gente não vive, não é verdade?

Ainda, o que foi narrado pelos camponeses têm exposto mais da realidade dos “bastidores”, um outro lado que as produções audiovisuais não revelaram à sociedade em nome da construção de uma imagem publicitária positiva. As propagandas constantemente divulgadas fazem contraste com uma realidade de silenciamento dos moradores próximos à transposição, que ainda vivenciam as consequências do megaempreendimento, como pudemos visualizar nas reuniões realizadas:

[...] foram levantadas discussões sobre os diversos problemas que já ocorreram nas comunidades atingidas pela obra do canal [...] como as tentativas da ‘firma’ de corromper as lideranças das comunidades, a partir da oferta de trabalho na obra, para que houvesse o silenciamento das pessoas, a perda da força do coletivo e conseqüentemente a aceitação das barbáries impostas; a intimidação dos representantes das obras sobre as pessoas que apresentavam resistência em sair de suas casas (Diário de Bordo).

Nessa direção, compreendemos que o discurso do “progresso” reproduzido em prol da venda de uma ideia, transforma-se em uma ação violenta que tem como agente o próprio Estado através do Ministério da Integração Nacional. Discurso moldado através de uma lógica desenvolvimentista que tem por consequência, cotidianas violações de direitos nesses territórios, como bem apontam Silva, Santos e Santos²⁰

A água ainda é uma necessidade mesmo nas comunidades onde os canais do São Francisco já passam [...]. Essa falta de água traz ressonâncias como a impossibilidade de os moradores realizarem atividades do trabalho agrícola, bem como praticar o plantio, a criação de animais e, até mesmo, na falta de água para consumo próprio. Nossa atenção se volta para a falta. Uma falta de serviços fundamentais para uma qualidade de vida, bem como uma ausência de cuidado.

Nesse viés, o discurso sobre a realização da obra nos faz pensar no lugar atribuído à população rural, campesina, sertaneja, estando contida, muitas vezes, num espaço em que a transformação é almejada por aqueles que se encontram em posição de poder. Como explicitado

em uma das propagandas divulgadas sobre a construção de um dos canais, em que se destaca a lógica desenvolvimentista voltada para a capital e região metropolitana:

O Eixão das Águas garante por 30 anos o abastecimento de água em Fortaleza e Região Metropolitana, beneficiando e potencializando o desenvolvimento local desde a produção agrícola até os grandes projetos do Porto do Pecém [...]²¹

Assim, o desejo e escolha da população dessas comunidades são apagados para que se sobressaia uma decisão tomada de cima pra baixo. Isso pode gerar um sentimento de exaustão pelo fato de sempre colocarem a comunidade campesina nesse local invisibilizado, como é mostrado na narrativa feita em campo:

[...] ao longo da conversa fui tocada por falas como ‘Quem é que vai querer falar naquele monte de gente... aí sofre calado... mas na hora h ninguém fala nada’ reverberando a opressão e dominação desencadeadora do silenciamento daqueles que foram, dolorosamente, agredidos. Parece que o grito preso na garganta ecoa quando nos colocamos como instrumento de escuta (Diário de Bordo).

Por esse caminho, destacamos a importância da Universidade na denúncia de violações de direitos que apontam para a manutenção da desigualdade social, e na atitude de propor ações de cuidado para a população.

Para além disso, ressalta-se o papel da Psicologia e da formação do psicólogo ao trabalhar conjuntamente aos Direitos Humanos, já que asseguram a oportunidade de uma vida digna para

todos. Por essa razão, Maia²² explica que essa perspectiva possibilita a escuta, como feito através dos Plantões Psicológicos, para expressão do sofrimento daqueles que tiveram seus direitos básicos violentados e é nessa construção coletiva de lugares seguros que a prática deve se lançar. Isso ocorre em prol do cuidado com a população afetada pela transposição.

Assim, nas ações extensionistas realizadas a partir do programa, nós direcionamos às demandas narradas através das comunidades, que descreviam dificuldades em relação às questões jurídicas e aumento do número de adoecimentos. A partir disso, as atividades que aconteceram nos territórios contaram com o acolhimento e participação dos moradores.

Os encontros com as comunidades representaram, independente da área profissional em ação, um momento de diálogo, de narração sobre a experiência da transposição após tantas tentativas de silenciamento.

Presenciamos, portanto, a violação de direitos a segurança pessoal, a proteção, a retratação jurídica, a não interferência em suas vidas pessoais, a propriedade e a condições justas²³, como modos de tornar inacessíveis condições básicas de cidadania. A partir disso, recordamos o direito à saúde, garantido através do Art. 196 da Constituição Federal de 1988, em que se explicita:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.²⁴

Visualizamos, assim, que o direito à saúde em espaços vulnerabilizados só é possível a partir da adoção de medidas que protejam os Direitos Humanos e defendam

[...] critérios socioculturais que contribuam para a saúde de todas as pessoas, incluindo a acessibilidade a serviços de saúde, condições de trabalho, habitação, transportes de boa qualidade, alimentos nutritivos e o direito ao lazer.²⁵

Nesse sentido, as atividades ocorridas antes, durante e após a ida às localidades sertanejas através do programa de extensão, partem do pressuposto que para a promoção e prevenção em saúde é necessário o olhar sobre os aspectos sociais e econômicos que impedem que os moradores acessem direitos básicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa de extensão TransVERgente tem possibilitado perceber as nuances da lógica desenvolvimentista a partir do trânsito pelo território. Através das narrativas dos camponeses, há a denúncia de uma realidade de violação de direitos causada pela monetarização da vida, legitimada pelo Estado em prol do que seus representantes chamam de “progresso”.

Nessa direção, em decorrência da manutenção da lógica desenvolvimentista, alimentada pela veiculação midiática de propagandas sobre os benefícios da transposição do rio São Francisco, mesmo após uma série de violações de direitos, algumas narrativas dos moradores revelam a compreensão de que os impactos no cotidiano e na vida das pessoas diretamente afetadas pelas obras seria mais positivo que negativo.

No entanto, essa população experiencia uma angústia frente à invasão violenta da transposição em seu cotidiano, bem como diante da impossibilidade de continuar a encaminhar seus meios de subsistência que se desvelam como um modo de viver digno.

Nesse segmento, é relevante pensar no papel que a Psicologia em interface com outras profissões do âmbito da saúde tem diante dessa realidade. A escuta a partir da atitude fenomenológica, mostra-se como recurso de cuidado para com aqueles que sofrem e até mesmo adoecem ao serem atravessados pelas obras que não consideram a realidade dos povos da terra.

Diante desse cenário, a extensão universitária se mostrou um espaço possível para colocar em andamento a ação política de graduandos, residentes e professores, bem como possibilitou a construção coletiva de espaços de cuidado e de promoção da dignidade humana, ações que se mostram coerentes às concepções fundamentais estabelecidos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo²⁶ e que são baseadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Ademais, esperamos que o presente trabalho seja uma maneira possível de garantir visibilidade para a temática, bem como um modo de ampliar olhares para as constantes violações de direitos e negação da dignidade humana sofrida pelos povos da terra, de forma a nos apropriarmos de dimensões éticas desde as práticas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

1. ROSA, A. M. V. S. **Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O Cometa Itabirano**. 2000. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte. 2000.
2. CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.
3. TOLEDO, L. M. de, SOUZA, E. R. (org.). **Transposição das águas do Rio São Francisco, situação de saúde e segurança pública**: expedição científica da Fiocruz à área de abrangência das obras do empreendimento. Rio de Janeiro: ENSP/ FIOCRUZ, 2015.
4. WESTIN, R. Senado do Império estudou transposição do Rio São Francisco. **Senado Notícias**, Distrito Federal, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/05/senado-do-imperio-estudou-transposicao-do-rio-sao-francisco>. Acesso em: 10 jul. 2021.
5. BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
6. BRAGA, T. B. M.; MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas de Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, 2012. p. 555-70. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a20.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
7. BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
8. BISELLI, A. C. T.; BARRETO C. L. B. T. O Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo e Formação do Psicólogo: Relato de uma Experiência. *In*: BARRETO, C. L. B. T., MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**

- existencial**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 231-58.
9. HERÁCLIO, M. A ação clínica e os processos de desapropriação: a narrativa enquanto possibilidade. In: BARRETO, C.L.B.T. *et al.* (org) **Clínica Psicológica e sofrimento humano: uma perspectiva fenomenológica existencial**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018.
10. CRITELLI, M. D. **Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 2007.
11. SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Revista da NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 110-26. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n3/a08.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.
12. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
13. BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Governo Federal finaliza obras do Projeto de Integração do Rio São Francisco**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Regional, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDL1mYq1I3o>. Acesso em: 17 jul. 2020.
14. FONSECA, P. C. D. Desenvolvimentismo: a construção do conceito. In: DATHEIN, Ricardo. (Org.). **Desenvolvimentismo: o conceito, as bases teóricas, as políticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
15. GUIMARÃES, A. G. A.; MARQUES, C.; SANTOS, S. E. B. Transposição do rio São Francisco: O padrão desenvolvimentista através de megaempreendimentos e seus consequentes deslocamentos forçados. **Revista Científica do UniRios**, Bahia, n. 30, p. 437-59, 2021. Disponível em: <http://www.unirios.edu.br/revistarios/inter nas/conteudo/resumo.php?id=617>. Acesso em: 10 jul. 2021.
16. FARIAS, M. N.; FALEIRO, W. Educação dos povos do campo no Brasil: colonialidade/modernidade e urbanocentrismo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte v. 36, e216229, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci _arttext&pid=S0102-46982020000100215&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 julho. 2021.
17. MARTÍNEZ, A. *et al.* O Estado como instrumento, o Estado como impedimento: contribuições ao debate sobre a transformação social. In: DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. (Orgs.). **Descolonizar o imaginário: Debates sobre pósextratativismo e alternativas ao desenvolvimento**. São Paulo: Elefante, 2016. p. 355-401.
18. SEGAUD, M. **Antropologia do espaço: Habitar, fundar, distribuir, transformar**. São Paulo: SESC, 2016.
19. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. **As águas do São Francisco estão chegando ao Ceará**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-6oBm3m5eg>. Acesso em: 17 jul. 2020.
20. SILVA, G.; SANTOS, G. O.; SANTOS, S. E. B. Um lamento ao redor do Velho Chico: por onde anda o direito à saúde? In: CARDOSO, F. S.; D'ANGELO, I. B. M.; CUNHA, C. O. G. M. **Interdisciplinaridade e direito, volume 2: reflexões teóricas e empíricas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 70-84.
21. CANAL PLANALTO. **Conheça o Eixão das Águas, localizado no Ceará**. Brasília, 2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Pkgk58tMBWg>. Acesso em: 17 jul. 2020.

22. MAIA, A. F. Psicologia, política e direitos humanos: ambiguidades e contradições. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 2, n. 1, p. 131-44, 2013.

23. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Unic, 2009.

24. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jul. 2021.

25. OLIVEIRA, M. H. B. *et al.* **Direitos Humanos e Saúde**: construindo caminhos, viabilizando rumos. Rio de Janeiro: Cebes; 2017.

26. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05**. Brasília: Conselho federal de Psicologia, 2005.

Agradecimentos

O rio que aqui se debulha em palavras são de (correntes) da multiplicidade nítida no TransVERgente, arriscamos patentear ao nome o pronome nosso. Sim, nosso porquê a nascente desse rio flui daquilo que é *nosso*. Por isso, agradecemos a esse nosso, por possibilitar este artigo, nosso porque é de todos aqueles que habitam ou habitaram as comunidades aos arredores do Velho Chico, nosso porque dele fez parte o Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade - GEPT/UPE, o Laboratório de Estudos em Ação Clínica e Saúde - LACS/UPE e o Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho - LASAT/FIOCRUZ, nosso porque dançam nessas águas a Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco (FETAPE), através do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Sertânia (STR-Sertânia), nosso porque, a partir do momento em que ele te afetar, é seu também. Obrigada!

Relato de Experiência

Educação ambiental: uma ferramenta em prol da conservação recifal ***Environmental education: a tool for reef conservation***

Camilla Silva de Oliveira¹ orcid.org/0000-0002-1269-9432

Amanda Lucena dos Santos² orcid.org/0000-0003-4118-7716

Cláudio Henrique Gomes Fialho³ orcid.org/0000-0002-5426-3071

João Antônio da Silva⁴ orcid.org/0000-0002-9063-4773

Paula Braga Gomes⁵ orcid.org/0000-0002-1555-1484

¹Bacharel em Ciências Biológicas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

²Graduanda em Ciências Biológicas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

³Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

⁴Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

⁵Professora Associada do Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

E-mail do autor correspondente: camillaoliveirabio@gmail.com

Submissão: 03/04/2021

Aprovação: 29/07/2021

RESUMO

A praia de Porto de Galinhas, em Pernambuco, vem sofrendo constantemente com os impactos negativos causados pelo turismo, como: pisoteamento dos recifes de corais, atividades de mergulho e pesca, além da poluição. Sendo assim, atividades de educação ambiental visando minimizar esses impactos são extremamente necessárias. Esse artigo propõe a utilização de atividades lúdicas como ferramenta complementar do processo de conscientização da população em relação à conservação recifal. Foram desenvolvidas e executadas três atividades: "Jogo dos sete erros", "O que tem no oceano?" e "Quem sou eu?". O resultado das ações foi bastante positivo e a população se mostrou receptiva às informações apresentadas, principalmente as crianças. Dessa forma, quanto mais cedo forem realizadas atividades desse tipo na educação de crianças, mais resultados positivos poderão ser obtidos no futuro. Assim, é necessário que ocorram atividades continuadas de educação ambiental *in loco*, principalmente dentro do contexto de projetos de extensão universitária.

Descritores: Jogos didáticos; Conservação recifal; Turismo.

ABSTRACT

Porto de Galinhas beach, in Pernambuco, has been constantly suffering from the negative impacts caused by tourism, such as: trampling coral reefs, diving and fishing activities, in addition to pollution. Therefore, environmental education activities aimed at minimizing these impacts are extremely necessary. This article proposes the use of recreational activities as a complementary tool for the population's awareness process in relation to reef conservation. Three activities were developed and executed: "Seven errors game", "What's in the ocean?", "Who am I?". The results of the actions were very positive and the population was receptive to the information presented, especially the children. Thus, the sooner such activities are carried out in the education of children, the more positive results can be obtained in the future. We point out the need for continued environmental education activities in loco, mainly within the context of university extension projects.

Keywords: Educational games; Reef conservation; Tourism.

1. INTRODUÇÃO

Porto de Galinhas, no litoral nordeste do Brasil, é um dos destinos mais procurados pelos turistas no país.¹ Os recifes são o principal atrativo turístico proporcionando beleza natural, águas calmas e piscinas que encantam turistas ao redor do mundo. Apesar disso, a cidade sofre com a falta de saneamento básico e com atividades turísticas desprovidas de um planejamento adequado para minimizar os possíveis impactos negativos causados ao seu produto turístico.² O pisoteamento dos recifes de corais, mergulhos, pesca e poluição, estão atribuídos como alguns dos fatores que podem alterar os parâmetros ecológicos do local, direta ou indiretamente.³ Deste modo, observa-se a importância da sustentabilidade econômica, que visa uma gestão com maior respeito e comprometimento com o meio ambiente.⁴

A Educação Ambiental (EA) é uma das ações que pode ser amplamente utilizada em regiões com alta carga turística relacionada à visitação de ambientes naturais, pois é considerada uma das ferramentas mais adequadas para sensibilizar a sociedade acerca dos problemas e impactos gerados no meio ambiente, promovendo assim, mudanças de hábitos e comportamentos que vão auxiliar na conservação de ecossistemas.⁵

A utilização de jogos como estratégia de ensino-aprendizagem proporciona um aprendizado mais prazeroso e dinâmico, envolvendo a sociedade para a troca de ideias e a busca de novos conhecimentos relativos às questões socioambientais.⁶ Os jogos permitem a participação ativa do indivíduo na construção do conhecimento, promovendo seu desenvolvimento

intelectual e social.⁷ Além disso, conhecimentos passados de forma lúdica são absorvidos com maior facilidade.⁸

Nesse sentido, este trabalho apresenta o desenvolvimento do projeto de extensão “A Universidade vai à praia: conhecimento científico aplicado na conservação recifal”, com atividades de educação ambiental na praia de Porto de Galinhas. O objetivo do projeto foi utilizar jogos como estratégia de educação ambiental. Esta prática é importante por auxiliar na internalização de conhecimentos acerca da EA.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Atividades de educação ambiental (EA) são comumente trabalhadas em espaços formais de educação, porém, já foi demonstrada uma maior eficácia em atividades práticas de EA realizadas *in loco*, através da associação de pesquisa e extensão universitária.⁵ Sendo assim, atividades foram realizadas através de intervenções na praia de Porto de Galinhas, Ipojuca, Pernambuco, durante os meses de outubro de 2019 e fevereiro de 2020.

O principal objetivo dessas atividades foi conscientizar os frequentadores da praia escolhida, que em maioria são turistas, sobre a necessidade de conservação dos ambientes recifais e costeiros, visando principalmente minimizar os impactos negativos do turismo no local. Para tal, foram desenvolvidos e executados três jogos didáticos, cujos objetivos específicos e públicos-alvo diferem entre si e são apresentados na sequência.

2.1. Jogo dos 7 erros

Essa atividade foi adaptada de um jogo infantil clássico, sendo elaborada e impressa uma ilustração em banner 70 x 200 cm, em que sete elementos do ambiente marinho foram substituídos por resíduos sólidos que não deveriam ser encontrados no local (Figura 1 e 2a).

O jogo teve como objetivo encontrar todos os erros ou diferenças presentes nas duas ilustrações, além de levantar uma discussão sobre a problemática da poluição por resíduos sólidos no ambiente marinho.

Inicialmente, a atividade estava direcionada a um público-alvo formado por crianças de todas as idades, porém, ocorreram adaptações ao longo das ações.

2.2. O que tem no oceano?

Um quadro de metal com pintura temática do ambiente marinho foi utilizado para o desenvolvimento desta atividade, além disso, imagens de organismos marinhos, não marinhos, resíduos sólidos, e seres fictícios, necessárias para a dinâmica, foram selecionadas e imantadas (Figura 2b).

O público-alvo dessa atividade foram crianças de até 7 anos de idade. O jogo didático teve como principais objetivos, apresentar às crianças a biodiversidade marinha, observar se elas eram capazes de reconhecer os organismos do ambiente marinho, e levantar uma discussão sobre a problemática do lixo nesse ambiente.

Para isso, as figuras ficavam em um cesto e iam sendo mostradas uma a uma para as crianças, em seguida as crianças foram sendo questionadas se aqueles elementos deveriam estar no oceano (quadro de metal), caso sim, elas iam colocando as figuras no quadro (Figura 2b). No final, foram feitos comentários

sobre a grande biodiversidade do ambiente marinho e que muitos dos organismos que as crianças colocaram no quadro podem ser encontrados ali mesmo na praia onde elas estavam.

2.3. Quem sou eu?

A atividade teve como público-alvo, crianças a partir de 8 anos. A confecção da atividade foi bastante simples, sendo utilizados apenas um painel de metal com pintura temática do fundo do mar (aproveitado da atividade anterior) e imagens impressas em cartões imantados de organismos encontrados no ambiente recifal, cartões com dicas de características e também imagens de personagens presentes em desenhos animados ou filmes (Figura 2c).

O jogo didático foi criado com o objetivo principal de estimular o conhecimento a respeito da biota presente nos recifes e suas características, através da associação com personagens carismáticos que estão presentes no dia a dia das crianças. Para isso, o participante deveria associar os personagens às dicas das características dos mesmos e ao organismo real correspondente.

2.4. Desenvolvimento das atividades

A equipe do projeto foi composta por graduandos de bacharelado e licenciatura em ciências biológicas, acompanhados pela professora coordenadora, visando diversificar as visões sobre a temática e possibilitando uma abordagem mais completa dos temas na criação e execução das atividades de EA realizadas.

Durante as abordagens iniciais os possíveis participantes eram informados sobre o projeto e seus objetivos e em seguida convidados a participar, sendo

solicitada uma autorização dos responsáveis pelas crianças para realização dos jogos didáticos, assim como o acompanhamento das mesmas, sendo sempre ressaltada a garantia da anonimidade dos participantes. Apenas após essa autorização as ações eram realizadas, tendo sido poucas as recusas em participar.

2.5. Acompanhamento e avaliação

Após cada abordagem e a realização das dinâmicas com os participantes, foi solicitado o preenchimento de questionários de avaliação para entender qual a percepção deles sobre o projeto e sua relevância na conservação recifal e de ambientes costeiros.

Para isso foi apresentado um questionário intuitivo no qual o participante precisava responder à pergunta “O que você achou sobre a nossa atividade?” através de um gradiente de símbolos relacionados a “Ótimo, Bom, Regular, Ruim ou Péssimo”, além de um espaço livre para escrita (Figura 3).

3. RESULTADOS

O jogo dos 7 erros se mostrou adequado para pessoas de todas as idades, sendo percebido como uma ótima forma de abordagem inicial, já que é amplamente reconhecido e podendo ser realizado de forma interativa, com todos os presentes nas abordagens em barracas de praia, e transeuntes (Figura 2a).

Após os participantes encontrarem os 7 erros, era explicado o objetivo da brincadeira, buscando fazê-los refletir sobre o fato de que toneladas de lixo chegam ao mar anualmente, especialmente o plástico, e que podemos reduzir esse impacto mudando nossos

hábitos, tais como evitar o uso de canudos e copos plásticos.

Figura 1. Ilustração do jogo dos sete erros. Ipojuca, 2020.



Fonte: Autor

Na atividade “O que tem no oceano?”, apenas uma criança colocou lixos no quadro. Em relação à percepção das crianças na identificação dos organismos marinhos, de um modo geral, elas conseguiam. Porém, todas colocaram, além da tartaruga marinha, o jabuti. As diferenças entre esses organismos, como os aparelhos locomotores de ambos, que permitem a natação da tartaruga e não do jabuti, foram apresentadas.

Figura 2. Atividades de educação ambiental em Porto de Galinhas: a- Jogo dos sete erros b- O que tem no oceano? c- Quem sou eu? Ipojuca, 2020.



Fonte: Autor

Foi observado na atividade “Quem sou eu?” que as crianças não apresentaram dificuldades em associar os organismos às características e aos personagens corretamente, provavelmente por estarem no cotidiano delas.

Após a execução da atividade, foi informado aos participantes sobre como aqueles personagens, os quais estão acostumados a observar nas animações

ou filmes durante o dia a dia, são animais reais e que estão presentes nas praias que frequentam. Além disso, foi explicada a importância da conservação do ambiente recifal para a vida desses organismos.

Em relação à avaliação da atividade, 100% dos participantes avaliaram o projeto e suas atividades como “Ótimo”, e nos espaços disponíveis reforçaram a importância de projetos, como o apresentado aqui, para a difusão do conhecimento sobre a biodiversidade, para conservação dos ecossistemas e a conscientização dos frequentadores, principalmente as crianças que aprenderam brincando (Figura 3).

Figura 3. Formulários de avaliação do projeto. Ipojuca, 2020.

The image shows three identical evaluation forms side-by-side. Each form has a header question: "O que você achou sobre a nossa atividade?". Below the question is a scale of five smiley faces, from happy (smiling) to sad (frowning). Under the scale are the labels: "Ótimo", "Bom", "Regular", "Ruim", "Péssimo". Below the scale is a section labeled "Avalie-nos!" with a handwritten response. The first form has "incrível!" and "Ótimo ambiente agradável?". The second form has "Tudo bem de conhecimento incrível!" and "show de bola?". The third form has "Ótimo! Muito interessante!" and "O ambiente recifal é muito importante para a conservação do ambiente marinho!".

Fonte: Autor

4. DISCUSSÃO

Através de intervenções na praia de Porto de Galinhas, visou-se ampliar o conhecimento a respeito da importância da conservação recifal daqueles que costumam frequentar as praias por lazer, como também, daqueles que tiram seu sustento desse ambiente.

Por meio de conversas e apresentações de atividades lúdicas, foram repassadas informações que antes ficavam retidas no ambiente acadêmico para a população de forma descontraída e de fácil aprendizado. Como evidenciado nos resultados, a população se mostrou receptiva às nossas atividades. A maioria das pessoas abordadas apresentaram

algum tipo de conhecimento prévio sobre o ambiente recifal e a importância de sua conservação. Algumas destas, por exemplo, argumentavam que possuíam o hábito de repassar o que já conheciam, enquanto outros demonstravam bastante interesse em disseminar aquilo que lhes foi informado, principalmente para crianças.

O uso de atividades lúdicas é essencial para a formação comportamental do ser humano.⁹ As atividades lúdicas propiciam diversão e prazer, o que por sua vez, facilita o aprendizado e compreensão.¹⁰ Dessa forma, quanto mais cedo se realizar atividades desse tipo na educação de crianças, mais resultados positivos poderão ser obtidos no futuro. O jogo “Quem sou eu?”, através da associação com os personagens, se mostrou bastante eficiente em relação a identificação dos organismos recifais e suas características.

Durante nossa pesquisa, foi encontrado um jogo similar ao nosso, porém este era voltado ao estudo da disciplina de virologia, “Quem sou eu? Jogo dos vírus”,¹¹ e não utilizava os personagens para associação. O “Jogo dos 7 erros” por ser bastante popular possui ampla utilidade na educação ambiental, como por exemplo, em uma versão do Ministério da Saúde em que é utilizado para conscientização em relação ao *Aedes aegypti*,¹² e em nossas ações foi possível comprovar isso. Apesar de não ter sido encontrado na literatura nenhum jogo similar ao “O que tem no oceano?”, a atividade se apresentou como uma ótima oportunidade de familiarizar as crianças com o ambiente marinho.

A experiência de extensão universitária se tornou proveitosa tanto para aqueles que não estavam inseridos no meio acadêmico quanto para aqueles que o

frequentam, visto que a troca de informações e experiências entre os discentes e a população foram de extrema importância para o crescimento pessoal e profissional de cada um.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades lúdicas realizadas na praia de Porto de Galinhas, Ipojuca/ PE, se mostraram uma ótima ferramenta para complementar o processo de conscientização da população em prol da conservação dos ambientes recifais e costeiros. Os resultados obtidos foram positivos, e as pessoas se mostraram abertas a receber as informações apresentadas, assim como também observaram a importância de projetos deste tipo. Dito isso, o desenvolvimento de atividades continuadas de educação ambiental *in loco* é extremamente necessário, principalmente dentro do contexto de projetos de extensão universitária.

REFERÊNCIAS

1. SARMENTO, V. C.; BARRETO, A. F.; SANTOS, P. J. The response of meiofauna to human trampling on coral reefs. **Scientia Marina**, Espanha, v. 75, n. 3, p. 559-70, 2011.
2. OLIVEIRA, L. R. *et al.* Conflitos e fragilidade de uma atividade turística não planejada: um olhar direcionado às praias de porto de galinhas e Itamaracá/PE. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos, v. 7, n. 10, p.1-19, 2010.
3. BARRADAS, J. I. *et al.* Tourism impact on reef flats in Porto de Galinhas Beach, Pernambuco, Brazil. **Arquivos de Ciências do Mar**. Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 81-88, 2012.
4. SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

5. NUNES, M. E. R.; FRANCA, L. F.; PAIVA, L. V. DE. Eficácia de diferentes estratégias no ensino de educação ambiental: associação entre pesquisa e extensão universitária. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 59-76, 2017.
6. MALAQUIAS, J. F. *et al.* O lúdico como promoção do aprendizado através dos jogos socioambientais, integrando a educação ambiental formal e não formal. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. 29, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2943>. Acesso em: 23 set. 2020.
7. GONZAGA, G. R.; MIRANDA, J. C.; FERREIRA, M. L.; COSTA, R. C. FREITAS, C. C. C.; FARIA, A. C. O. Jogos didáticos para o ensino de ciências. **Revista Educação pública**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/7/jogos-didaticos-para-o-ensino-de-ciencias>. Acesso em: 23 set. 2020.
8. SILVA, R. M. L. Brincando e aprendendo com jogos sobre ciências **Ciência Lúdica**. Salvador: Edufbar, 2008.
9. LIMA, K. T. S.; LIMA, S. S. C.; JESUS N. V. Importância da ludicidade na educação infantil. **Revista Facimp-Empowerment**, v. 1, n. 1, p 4-13, 2020.
10. KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1994.
11. ROSADAS, C. “Quem Sou Eu? Jogo dos Vírus”: Uma Nova Ferramenta no Ensino da Virologia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 264-68, 2012.
12. SANTOS, D. C. M. *et al.* Interação universidade-escola: uso de jogos didáticos para conhecer e prevenir o *Aedes aegypti*. **Revista Extensão & Sociedade**, Natal, v. 8, n. 1, p. 57-68, 2017.

Agradecimentos

Os autores deste trabalho agradecem à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) - UFRPE e à Fundação Grupo Boticário pelo apoio financeiro durante todas as etapas de realização deste projeto. Agradecemos ao Gustavo Santos, artista responsável pelas lindas ilustrações das nossas atividades, e também somos gratos a todas as pessoas que participaram e se mostraram receptivas às nossas intervenções na praia.

Fomento

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) - UFRPE; Fundação Grupo Boticário.

Relato de Experiência

Outro modo de atuação extensionista na pandemia: Nucas conversa ***Another way of extensionist action in the pandemic: Nucas Conversa***

Djailton Pereira da Cunha¹ orcid.org/0000-0002-5024-7824

Matheus Enrique França Melo² orcid.org/0000-0003-0359-568X

Francisca Teresa Cipriano de Abreu Silva² orcid.org/0000-0003-3502-235X

¹Doutor em Educação, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

²Bacharelado em Psicologia, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

E-mail do autor correspondente: matheusnrq@gmail.com

Submissão: 16/03/2021

Aprovação: 22/07/2021

RESUMO

A pandemia de COVID-19 produziu interrogAÇÕES, inquietAÇÕES e transformAÇÕES em diferentes aspectos da sociedade. Concernente à ação extensionista, face ao processo de atuação em Campo, quais seriam as intervenções possíveis durante um cenário em que há impossibilidade de interagir presencialmente? No intuito de responder a essa questão, apresentamos o projeto Nucas Conversa, desenvolvido pela extensão universitária Núcleo de Cartografias da Subjetividade (NUCAS) no cenário pandêmico atual. Buscamos mapear os possíveis processos de formação humana mobilizados pela produção de saberes e experiências, resultante de 10 web-conferências realizadas, semanalmente, no período de abril a junho de 2020. Através do método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari, exploramos territórios demarcados pela covid-19, (des)construindo conhecimentos, relações e afetos imersos à natureza processual da ação. Os resultados indicam que os debates possibilitaram a ampliação da visão dos participantes para além da doença e do sofrimento; e potencializaram a relação com todos envolvidos, intensificando as dimensões ético-estético-político e solidária da comunidade, assegurando os processos de formação humana.

Descritores: Extensão; Pandemia; Cartografia; Formação humana; Meio Digital.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic produced questions, concerns and transformations in different aspects of society. Concerning the extension action, facing a process of acting in the Field, what would be the possible interventions during a scenario in which it is impossible to interact in person? In order to answer this question, we present the project Nucas Conversa, developed by the university extension Núcleo de Cartografias da Subjetividade (NUCAS) in the current pandemic scenario. We seek to map the possible human formation processes mobilized by the production of knowledge and experiences, resulting from 10 web-conferences held weekly, from April to June 2020. Through the cartographic method proposed by Deleuze and Guattari, we explore territories demarcated by covid -19, (de) building knowledge, relationships and affections immersed in the procedural nature of the action. The results indicate that the debates made it possible to broaden the participants' view beyond illness and suffering; and enhanced the relationship with everyone involved, intensifying the community's ethical-aesthetic-political and solidary dimensions, ensuring the processes of human formation.

Keywords: Extension; Pandemic; Cartography; Human formation; Digital media.

1. INTRODUÇÃO

As formas de atuação das extensões universitárias no Brasil precisaram ser reinventadas em 2020. Assumindo e defendendo que a extensão “[...] é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”,¹ em um contexto de pandemia de COVID-19, conforme declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020,² a implementação de projetos e de ações extensionistas implicou em outros modos de intervenção. Esse desafio tomou maior proporção quando percebemos

[...] que os indivíduos submetidos ao isolamento social estão mais suscetíveis a apresentar transtornos de saúde mental, devido à privação e contenção social, surgindo sintomas de sofrimento psíquico, em especial, relacionado ao estresse, ansiedade e depressão”.³

Nesse contexto, o projeto Nucas Conversa, desenvolvido pela extensão universitária Núcleo de Cartografias da Subjetividade (NUCAS) da Universidade de Pernambuco (UPE), surge como uma tentativa de intervenção extensionista no período em que há impossibilidade de interagir presencialmente. O cenário pandêmico, causado pelo vírus SARS-CoV-2, levou-nos a busca de alternativas correspondentes às recomendações e aos critérios de preservação da saúde.

As restrições impostas pelo novo coronavírus acarretaram mudanças junto ao acesso e utilização do ambiente virtual, “impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos

cenários de ensino e de aprendizagem”.⁴ Essa mudança também foi observada no âmbito das extensões, motivo pelo qual elaboramos e implantamos esse projeto.

Consideramos que o Coronavírus tem uma série de reverberações de cunho macropolítico, e micropolítico. Dentro das consequências macropolíticas à tessitura social, podemos exemplificar o fechamento do comércio, alteração das formas de socialização e cuidado consigo, modificando modos de ser e se ver.¹ A dimensão micropolítica se faz nas diversas ações mobilizadoras por voluntários anônimos e afiliados a projetos sociais para potencializar as periferias e as pessoas em situação de vulnerabilidade.

Tendo em vista as diferentes formas de enfrentar o sistema modificado pela pandemia, cada encontro do Nucas Conversa promoveu a transmissão de saberes para a construção de diálogos multifacetados e interdisciplinares junto a população de todo o Brasil. A propagação desses conteúdos não é vista somente enquanto divulgação de informações. Faz-se entonação, também, quanto a ocorrências enfrentadas por populações minoritárias. Trata-se de uma estratégia de aproximação academia-comunidade. Dessa forma, com esse trabalho, buscamos mapear os possíveis processos de formação humana mobilizados pela produção de saberes e experiências promovidos pelos encontros do Nucas Conversa.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A lente metodológica empregada para o desenvolvimento do Nucas Conversa esteve ancorada na Cartografia ou Esquizoanálise.⁵ A partir da perspectiva cartográfica, a produção ou o ato de

produzir pode ser um modo de afirmar a potência da vida, abrindo vazão para criações múltiplas, possibilidades outras e conexões diversas. Tal como um rizoma, o conhecimento neste contexto, nunca é finalizado, hierárquico, cristalizado, determinista, pelo contrário, é um fluxo, sempre com reticências, aberto a novas reverberações e que pode sempre ser revisitado.⁵

Enquanto metodologia, a cartografia dá espaço para se pensar no homem não enquanto:

[...] rei da criação, mas antes como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que é o encarregado das estrelas e até dos animais, que não para de ligar uma máquina-órgão a uma máquina energia, uma árvore no seu corpo, um seio na boca, o sol no cu: o eterno encarregado das máquinas do universo.”⁵

A partir dos autores acima mencionados, encaramos esse “ser” enquanto uma produção contínua, suscetível a encontros e mudanças, agenciando-se por forças e formas, compondo-se junto a essas. Ainda sobre tal ideia, trazemos a importância das conexões nas relações sociais, destacando que em rede, o poder tende a ser deslocado, a adquirir outros sentidos distantes de um poder hierarquizante e subjogador.⁶

O sujeito, pelo viés cartográfico, passa a ser considerado como atuante em relação à vida, sua potência de ação está ligada aos afetos e afetações que se depara ao longo de seu percurso. Neste sentido, pensar a existência durante uma pandemia é considerar as intensidades dos afetos em um cenário complexo e

imprevisível e que, solicita visceralmente a reinvenção, a ação e a produção de si.

Compreendendo estas questões, vemos o Nucas Conversa como um dispositivo acionado por essa prática específica, uma máquina, que produz uma multiplicidade de saberes, afetos e experiências. Desse modo, trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar.⁷

Para isso, utilizamos o canal do Nucas no *Youtube* como meio que promoveu o desenvolvimento desse dispositivo, dessa máquina de guerra à Pandemia.

Entendemos que o *YouTube* pode ser considerado uma ferramenta de aprendizagem, na medida em que se produz conexões, levando-se em conta a própria cultura e com isso elevando, de forma crítica, as informações ao patamar de conhecimento.⁸

Nesse sentido, o *Youtube* tornou-se, no momento atual, uma possibilidade potente de aplicação educacional-formativa, eliminando os riscos de propagação do vírus em questão, veiculado principalmente por gotículas de saliva, secreções respiratórias.⁹

Com a inauguração e utilização do Canal do NUCAS no *Youtube* para a transmissão das *webconferências* do Nucas Conversa, criamos um palco ético-estético-político de experimentação e produção. A operacionalização dessas *webconferências* ainda teve o auxílio do programa Zoom, de forma a integrar mais de um participante para cada encontro temático.

Buscamos, a partir de uma práxis focada nos diversos contornos da existência, intensificar a comunicação entre polos muitas vezes considerados opostos. A academia, representada por

sujeitos fundamentados em um arcabouço teórico-científico, dialogando com a população imersa em uma realidade de enfermidade-morte e em um pandemônio sociopolítico-econômico. Instigamos com isso, promover um debate em torno dos efeitos provocados pelo contexto pandêmico, trazendo as múltiplas e diferentes vozes para o diálogo, incluindo os grupos esquecidos e/ou inviabilizados.

No intuito de operacionalizar esse debate, foi constituída uma equipe por dois professores de psicologia da UPE, um professor de psicologia da UFPE e dois extensionistas do curso de psicologia da UPE. Isso resultou na produção de 10 web-conferências, transmitidas semanalmente, pelo Canal do *Youtube* do Nucas no período de abril a junho de 2020. Cada *webconferência* exigiu a organização de atividades em torno de quatro processos: criação, comunicação, operacionalização e avaliação.

No que se refere à criação, foram elaboradas artes gráficas para postagem em diferentes mídias com a finalidade de divulgar o encontro. Cada tema proposto inspirou as escolhas da(o)s convidada(o)s e com isso o layout das artes. A composição das cores, traços, fontes e layout demarcaram também os afetos trazidos por cada temática debatida e o momento em que essa discussão se dava.

O segundo processo foi o de comunicação. Para atingir o máximo de pessoas interessadas nas temáticas abordadas pelo Nucas Conversa, utilizamos diferentes meios: redes sociais como *instagram*, grupos de *whatsapp* e sites institucionais da Universidade de Pernambuco, conforme exemplo no *link* <http://www.upe.br/noticias/campus-garanhuns-promove-debate-sobre-sa%C3%BAde-p%C3%BAblica-no-nucas-conversa.html>

A operacionalização de cada web-conferência, o terceiro processo de produção, demandou atividades do tipo: (a) convidar a(o)s palestrantes, (b) preparar um roteiro de apresentação com o intuito de organizar as falas e ações da(o)s convidada(o)s; (c) orientar a(o)s convidada(o)s quanto ao uso do programa zoom, (d) transmitir a *webconferência* pelo *Youtube*; (e) monitorar as mensagens do *chat*.

A composição de cada mesa envolveu cinco ou seis componentes: um responsável pela moderação do chat do *Youtube*, repassando as considerações dos ouvintes, um mediador da mesa, responsável por facilitar o debate e três a quatro expositores da temática abordada no encontro. Cada convidada(o) foi escolhida(o) de forma a contribuir com saberes e experiências relacionadas à problemática em debate, potencializando com isso o encontro. Procuramos parcerias com os núcleos de extensão de psicologia, convidando professore(a)s envolvida(o)s com a temática debatida, contatamos os núcleos de extensão de outras universidades do estado e fora do mesmo, além de chamarmos representantes de outras instituições públicas e privadas.

Estabelecemos um tempo de duração de uma hora e meia para cada encontro, contudo esse intervalo foi extrapolado chegando até pouco mais duas horas de discussão online. A sequência de falas em cada *webconferência* envolveu: (a) abertura com apresentação da(o)s palestrantes, (b) exposição da temática por cada palestrante; (c) considerações da(o) mediador(a)/debatedor(a); (d) envio das perguntas do chat pela(o) moderador(a) do *chat*; (e) respostas de cada convidada(o); (f) considerações de toda(o)s envolvida(o)s.

O último processo que envolveu a produção de cada web-conferência diz respeito à avaliação do encontro. A equipe, semanalmente, apreciava o encontro realizado, identificando as oportunidades de melhorias a fim de implementar tais correções nos encontros seguintes. Essa reunião de avaliação possibilitava também o planejamento das ações para produção da web-conferência da semana seguinte.

3. RESULTADOS

Inauguramos o canal do NUCAS com o primeiro encontro do Nucas Conversa, abordando o tema “Coronavírus sob múltiplos olhares”. Contamos na ocasião com a exposição dos professores Dr. Henrique Figueiredo, Dr. Pedro Falcão, Dr. Rafael Freitas e Silva, mediação pela professora Dra. Patrícia Lira e moderação do chat pelo professor Dr. Djailton Cunha. Iniciamos esse primeiro encontro com cerca de 500 pessoas inscritas e finalizamos a primeira temporada, que consistiu em dez *webconferências*, com 1020 inscritos. Tivemos um aumento de 103% das pessoas inscritas. Isso se deve a qualidade e pertinência das temáticas abordadas.

A programação do Nucas Conversa envolveu categorias-chave relacionadas com o contexto pandêmico e as possibilidades de produzir processos de formação humana, a partir do ambiente virtual proporcionado pelo *Youtube*. Foram 10 encontros que tiveram temas elencados de forma rizomática agenciados pelos modos de existência das diferentes populações que participaram ou visualizaram os debates. O quadro 1 apresenta, em ordem cronológica, os temas de cada encontro.

Entre os participantes dessas web-conferências, tivemos 38 convidados, sendo 24 mulheres cisgênero (63%) e 14 homens cisgênero (37%). Houve convidada(o)s que participaram de mais um encontro, alternando de função dentro da organização das mesas (palestrante, mediador(a) do debate, moderador(a) do chat). A faixa-etária dos convidados variou aproximadamente de 20 a 70 anos, com formações envolvendo diferentes campos, tais como: Antropologia, Artes cênicas, Biologia, Biomedicina, Comunicação, Designer, Direito Educação, História, Medicina e Psicologia. Isso reforça o caráter plural e abrangente das visões apresentadas para as temáticas abordadas. Nossos encontros se deram com os seguintes títulos, ordenadamente: “Coronavírus sob Múltiplos olhares”, “Saúde Pública em foco: História, processos e Políticas Públicas em tempos de pandemia”, “O sensível em tempos de Coronavírus”, O cuidar de si na Pandemia — Serviços de Atenção Psicológica e Psiquiátrica”, “A voz e a Potência das Periferias”, “Do luto à luta: leituras da morte em tempos de crise”, “Violência Doméstica”, “A Rede de Atenção Psicossocial no Isolamento Social”, “Educar e Aprender em tempos de Pandemia”, e “Perspectivas da ansiedade antes, durante e pós-pandemia”. Totalizando, assim, dez *lives*.

Ao analisar os vídeos dessas web-conferências, inspirados pelo método cartográfico, elegemos pelas afetações e atravessamentos produzidos, quatro categorias norteadoras que demarcam as temáticas abordadas. Destacamos como categorias: saúde, políticas públicas, educação e sofrimento. Cada encontro perpassa uma ou mais dessas categorias, produzindo diferentes agenciamentos no contexto pandêmico atual.

Considerando o alcance quantitativo do projeto, o fluxo de visualizações e comentários também foi considerado promissor. Até 14 de março de 2021, as dez web-conferências produziram juntas, um total de 5.484 visualizações, tendo a primeira web-conferência 1.117 visualizações (20,3%). A performance por encontro das visualizações pode ser acompanhada no quadro abaixo.

Quadro 1: Visualizações dos encontros do Nucas Conversa. Garanhuns, 2021.

Ordem dos encontros	Visualizações (número)
1º	1.117
2º	445
3º	854
4º	625
5º	343
6º	670
7º	327
8º	208
9º	400
10º	495

Fonte: Autor

Destacamos com essas visualizações a criação de redes comunicativas, de partilha, integrando convidados e ouvintes, em torno dos desafios da saúde, educação, saúde, cultura, política, economia, etc. no período de pandemia. Isso caracteriza a multidimensionalidade, multiplicidade e complexidade das problemáticas advindas com vírus SARS-CoV-2, o que é retratado com o interesse e adesão dos participantes aos encontros e vídeos disponibilizados.

Percebemos também que algumas temáticas obtiveram maior adesão e mobilização de pessoas do que outras. Isso denota que o momento e o contexto em que os assuntos foram apresentados, produziram afetações mais ou menos

intensas. Por exemplo, falar de luto no momento em que estávamos no auge do índice de mortes pela COVID-19, sensibilizou um público maior de participação e visualizações do que falar sobre a voz e a potência das periferias.

Esses resultados evidenciam que os debates possibilitaram a ampliação da visão dos participantes para além da doença e do sofrimento; potencializando a relação de todos os envolvidos, intensificando as dimensões ético-estético-político e solidária da comunidade, promovendo com isso processos de formação humana.

4. DISCUSSÃO

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte

Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte

E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado

E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

(Sujeito de sorte, Belchior)

Trilhar caminhos inesperados, atravessado por afetos, em busca de territórios não ocupados, é próprio do percurso metodológico que adotamos nesse trabalho: a cartografia. Isso nos permite ousar e trazer a poesia, a arte, o sensível como epígrafe dessa discussão.

Mais ainda, potencializa o “não dito” pelo elevado número atingido de pessoas inscritas no canal do NUCAS, de participantes dos encontros do Nucas Conversa e das visualizações das web-conferências gravadas. Esse não dito face às possibilidades, multiplicidades e complexidades que encontramos em movimentos distintos de expressões trazidos ao longo dos debates, resultante de mil tons desse sujeito de sorte, são, salvo e forte que ora escreve e daquele que outrora lerá esse texto, atravessando e atravessado por essa pandemia.

Cada resultado que apresentamos aponta para o processo formativo que inventamos no intuito de produzir encontros e desencontros via internet. Encontros e desencontros de pessoas, de sentimentos, de saberes e de experiências. Encontros e desencontros que foram gerados para dar conta de um período de isolamento, de sangramento, de choro, de mortes.

A forte adesão dos participantes parece denotar uma aliança para enfrentarmos juntos esse momento de privação, contenção social e sintomas de sofrimento psíquico.³

Os temas abordados nas web-conferências promoveram aprendizados, reflexões e (re)considerações de posicionamentos frente ao contexto pandêmico vivido.

A pandemia foi responsável por colocar em destaque as maneiras de se relacionar, impulsionando os cuidados referentes ao contato físico e à relação humana. A assepsia das mãos, o uso de máscara, a atenção ao distanciamento físico e a urgência de permanecer em casa, caracterizando um isolamento social, foram recomendações para evitar a disseminação da COVID-19. Essas e outras formas de cuidado, expostas de

diferentes maneiras em cada encontro do Nucas Conversa, reintroduziram um debate em torno das novas configurações dos modos de vida.

Isso confirma o pensamento de que “Em cada época histórica, os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) e de antecipar ou adiar a morte são relativamente rígidos e parecem decorrer de regras escritas na pedra da natureza humana.”¹⁰

Esse é o cenário em o que o Nucas Conversa surge e daí talvez a repercussão entre a(o)s convidada(o)s e participantes-ouvintes dos encontros.

A impermanência e a insegurança da vida, exploradas também nas falas, perguntas e debates promovidos pelas web-conferências, promovem um estado impossível de ser cooptado por qualquer espaço de significação, explicação analítica. Um estado que afeta o bem-estar de certos indivíduos, acarretando ou intensificando sintomas tais depressão, ansiedade, e até mesmo tentativas de suicídio.²

Esse estado não ressalta apenas uma problemática calcada no modelo biomédico saúde-doença, nessa situação de Pandemia. Ele oferece outros modos de pensar e problematizar as múltiplas causas e efeitos geradores de um axioma do capital, que produz doentes e mortos cotidianamente em um pandemônio socioeconômico.

Os resultados que apresentamos evidenciam também a necessidade de uma prática de contraposição ao esquema quantitativo alarmante de informações duvidosas acerca da doença do Coronavírus. Tal fenômeno foi denunciado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e pela declaração da Organização Mundial de Saúde acerca da

Infodemia proferida na Organização Pan-Americana da Saúde.

Pensamos um dispositivo não somente de informações, linear, informativo, e sim compartilhamento de experiências, visões, buscando evitar trocas plenamente acadêmicas. Dar a volta nessa provável situação exigiu outros modos de fazer-saber. Assim, criamos um canal de comunicação interativo, com apresentação “ao vivo” no *Youtube*, inaugurando uma relação mais próxima junto a Comunidade mesmo com a distância física. Abrimos as portas da Universidade para o mundo e as conexões superaram as limitações geográficas e econômicas. O tempo e o espaço, a noção de fronteiras, as sensações de conectividade, entre outros são agora orquestrados por essas plataformas tecnológicas, por meio de “*links, lives e likes*”. Isso reforça o argumento de que o *Youtube*, a maior plataforma de compartilhamento de vídeos na internet, como um ambiente virtual de divulgação científica, possibilitando assim ampla discussão, interlocução e formação multidimensional.¹¹

Retomando o(s) caminho(s) que a cartografia nos apresenta, optamos em experimentar ver e ouvir os vídeos para além de saberes epistemológicos e/ou epidemiológicos. Buscamos a via dos afetos produzidos pelas falas, participações nos *chats* e pelos próprios números de visualizações e participantes. Experimentamos conversar com as categorias que soltaram aos nossos olhos nesses encontros. Isso porque entendemos que “Na cartografia, o plano de pesquisa traçado pelo cartógrafo visa tornar visíveis as forças existentes no território existencial, mapeando-o para poder construir o seu próprio plano de forças para realizar uma intervenção, isto

é, uma transformação na realidade coletiva.”¹²

Desse modo, ao elegermos a categoria da saúde, um mapa se fez presente. Não se trata de um mapa conceitual alicerçado nos principais assuntos referentes a essa temática, como: saúde pública, saúde mental, ansiedade, RAPs, Clínica de atenção psicológica e os possíveis desdobramentos e interconexões decorrentes. Optamos por constituir outras linhas de percurso que levam a afirmação e potência da vida. Linhas maleáveis que deixem fluir e seguir as afetações trazidas pelos encontros. Linhas de fuga para encontrar saúde mesmo doente, seja doente de COVID-19, doente de ansiedade pela incerteza do amanhã, doente pelas condições em que vive. Essa foi a aposta que fizemos sob a inspiração da cartografia, para dialogarmos com as categorias abertas ressaltadas a partir da análise das web-conferências. Isso evidencia que “os efeitos da pandemia vêm atingindo direta e indiretamente a saúde mental das pessoas nos mais diversos aspectos, o que implica numa condição preocupante de saúde pública”.¹³

Se há “a cruel pedagogia do vírus”,¹⁰ a “pedagogia da pandemia”,¹⁴ a “educação em tempos de pandemia”,¹⁵ há diversos caminhos a serem percorridos possibilitados pelo contexto pandêmico. Isso aponta para a educação enquanto um processo de formação humana,¹⁶ o que foi mapeado pela cartografia dos encontros produzidos no Nucas Conversa. Reiteramos que as linhas que constituem esses mapas são flexíveis e de fuga, e promovem a desterritorialização de saberes, de experiências e de aprendizagens. O vírus apontou outras possibilidades de produção de

conhecimentos pela experimentação de viver.

As políticas públicas e o poder público estiveram presentes nessas discussões como pilares para as ações e recomendações necessárias a fim de enfrentar as dificuldades inerentes à situação de pandemia. A voz e a potência das periferias e das minorias abafadas no cotidiano social demandou da sociedade civil intervenções e debates como os promovidos pelo Nucas Conversa. Tais debates apontavam que “a construção de políticas públicas que visem à proteção ao trabalhador e a ampliação do investimento no setor saúde são medidas urgentes”.¹⁷

É inegável que a pandemia causada pelo novo coronavírus tem produzido diferentes perdas para a humanidade. Perdas de contato social, aulas presenciais, recursos financeiros, empregos, entes queridos. Lidar com essa experiência tem sido algo muito desafiador, uma vez que, o sofrimento, causado pela morte de alguém, deflagra outra crise devido aos modos em que os rituais de despedida têm sido realizados.

Trabalhamos essa temática do sofrimento em diferentes encontros, a partir do entendimento de que a pandemia incita ao parar, silenciar e escutar(-se), face à impermanência e assim reconhecer a falta de controle dos projetos, das atividades, das rotinas pessoais e de si mesmo. Isso produz outra morte e consequentemente outro tipo de luto. Isso porque, “No sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida. Deve-se entender vida como um modo de ser ao qual pertence um ser-no-mundo”.¹⁸ Ou melhor, como diz Belchior, “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Romper paradigmas no âmbito das ações e ir além dos muros da universidade é um dos escopos dos programas e projetos de extensão. Isso é ainda mais contundente quando nos deparamos com cenários desafiadores como o da crise mundial provocada pela pandemia de COVID-19. Nesse contexto, buscamos mapear os possíveis processos de formação humana mobilizados pela produção de saberes e experiências, resultante da transmissão de dez *webconferências*, semanalmente, no período de abril a junho de 2020. Trata-se de um trabalho que discorre acerca da operacionalização e dos resultados atingidos de uma ação extensionista promovida pelo Núcleo de Cartografias da Subjetividade (NUCAS/ UPE), em um momento atípico decorrente da pandemia.

Ao final da iniciativa, após a revisão de cada encontro do Nucas Conversa, foram percebidas criações de redes as quais configuraram, cada uma, a sua maneira, textos acerca de sensações, dúvidas, certezas e expressões no que se refere, ao seu período de vigor, verdadeiras cadeias de comunicação, elaboração, compartilhamento. As ressonâncias trazidas por cada *webconferência* serviram de aprendizado para a elaboração das próximas, e seu desfecho.

Em termos de alcance quantitativo, o fluxo de visualizações e comentários foi considerado positivo, sendo capazes de encaminhar inúmeros diálogos, tendo médias significativas entre participação e ouvintes, permitindo-nos perceber os conteúdos que mais interessavam os nossos espectadores, e assim pensar em outras possibilidades de atuação e produção de conteúdo em meio a um contexto novo desencadeado pela COVID-19.

A abordagem multidisciplinar possibilitou olhares diversos sobre uma mesma temática, construindo debates multifacetados, ampliando as visões acerca do assunto, e abrindo espaço para os ouvintes refletirem a partir de vários pontos distintos. Nesse sentido, encaramos esse trabalho dentro de uma ótica rizomática, ou seja, atravessado por múltiplas diferenças, linhas e reverberações, e que, não se finaliza, cria ramificações para outras pontes.

O percurso metodológico, partindo da cartografia, promoveu um jeito de produzir modos de repensar a construção do conhecimento e da formação acadêmica. Procuramos criar desvios e rupturas aos processos duros e reacionários, vigentes na sociedade contemporânea. Entendemos que as conexões foram estabelecidas por corpos e não apenas por *links e bytes*. Corpos que se conectam intensificado a potência dos encontros e dos acontecimentos.

Percebemos neste trabalho, uma produção potencializadora de subjetividades; encontros que proporcionaram e criaram novos espaços, novas questões. O projeto Nucas Conversa buscou incitar afetos, percepções, experiências, compondo paisagens distintas com as múltiplas subjetividades e diferenças.

As temáticas discutidas nas *webconferências* também revelaram como as questões atuais da sociedade vêm produzindo inquietações de diferentes dimensões, o que nos permitiu problematizar falas, conceitos, paradigmas, experiências, construindo-desconstruindo territórios sob a lente da filosofia da diferença, da esquizoanálise, da cartografia.

Desse modo, o Nucas Conversa destaca-se como uma estratégia de

enfrentamento, de resistência, de luta nesses tempos de pandemia e se configura como uma abordagem de intervenção que contribui para a comunidade de forma diferenciada na atualidade. Mais ainda, essa ação extensionista se consolida como intervenção no ambiente digital, produzindo processos de formação humana e promovendo aspectos de saúde mental.

REFERÊNCIAS

1. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: [s.n.] 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
2. SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2021
3. PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A.; DANTAS, E. H. M. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>. Acesso em: 15 mar. 2021

4. MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 13 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438> Acesso em: 15 de mar. 2021

5. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2017.

6. ROMAGNOLI, R. C. Algumas reflexões acerca da clínica social. **Revista de Psicologia da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, v. 18, n. 2, p. 47-56, Dec. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232006000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2021.

7. PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narrativa. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-71.

8. MOURA, G. B. F.; FREITAS, L. G. O YouTube como ferramenta de aprendizagem. **Revelli**, Inhumas, v. 10, n. 3, p. 259-72, set. 2018.

9. BELASCO, A. G. S.; FONSECA, C. D.; Coronavírus 2020. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 2, e2020n2, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000200100&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2020.

10. SANTOS, B. S.; **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina. 2020.

11. CARVALHO, M. C. Divulgação Científica no Youtube: Narrativa e Cultura Participativa nos Canais Nerdologia e

Peixe Babel1. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO; 34., 2016, **XXXIX Congresso...** São Paulo: [s.n.], 2016.

12. MOURA, F. J. C.; OLIVEIRA, L. A cartografia como método de pesquisa filosófica. **Revista Lampejo**. Fortaleza, v. 9, n. 1, 142-62, 1 sem. 2020.

13. SILVA, H. G. N., SANTOS, L. E. S., OLIVEIRA, A. K. S. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 10, 2020. n. esp. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/06/1097482/4-efeitos-da-pandemia-do-novo-coronavirus-na-saude-mental-de-i_fNxf8zd.pdf Acesso em: 10 mar. 2021.

14. SILVA, E. H. B. S.; SILVA NETO, J. G.; SANTOS, M. C. S.; Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico – RELAEC**. Bahia, v. 1, n. 4 jul./ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/ipa>. Acesso em: 11 mar. 2021

15. SOUZA, E. P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos De Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 30, p. 110-18, 2020.

16. CUNHA, D. P. **Fundamentos multiparadigmáticos da formação humana: Contribuições dos paradigmas transpessoal, intercultural e da espiritualidade para a educação no Brasil e na França**. 2017. Tese (Doutorado) - Université lumière Lyon 2, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

17. RAFAEL, R. M. R.; Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar no Brasil? **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 28, 2020. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1094832/epidemiologia-politicas-publicas-e-pandemia.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

18. HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes. 2009.